

Jonny Jordy Walz

**RESSIGNIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO  
E BUSCA DE SENTIDO:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DA LOGOTERAPIA  
E DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Edimar  
Fernando Moreira.

Florianópolis  
2021

Walz, Jonny Jordy

Ressignificação do sofrimento e busca de sentido: uma reflexão a partir da logoterapia e da espiritualidade cristã / Jonny Jordy Walz; Orientador: Edimar Fernando Moreira; Florianópolis, SC, 2021.

100 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Sofrimento 2. Resignificação 3. Logoterapia 4. Espiritualidade cristã. II. Título.

Jonny Jordy Walz

**RESSIGNIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO  
E BUSCA DE SENTIDO:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DA LOGOTERAPIA  
E DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 11 de agosto de 2021.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Me. Edimar Fernando Moreira  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Edinei da Rosa Cândido  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Profa. Ma. Anie Juçara Fabris Casagrande  
Avaliadora



Dedico este trabalho a todos aqueles que buscam sentido para o sofrimento, a fim de que encontrem, em Cristo, a luz em meio a um mundo que oferece tantas trevas.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que em sua infinita misericórdia, por seu incomensurável plano de amor, quis me conceder o dom da vida e o chamado à vocação para o ministério sacerdotal.

À minha família, de modo especial minha querida mãe, Iraci Bruch, que sempre esteve presente nos principais momentos de minha vida, apoiando-me com amor incondicional. Aos meus benfeitores, que contribuíram material e espiritualmente para a minha formação sacerdotal.

Aos meus irmãos seminaristas, que conviveram comigo durante esses anos de formação. Obrigado pela paciência e pelo amor demonstrado, fazendo com que a caminhada se tornasse mais leve, sobretudo, nos momentos pesados e de escuridão.

Ao padre Adalberto Donadelli Júnior e ao padre Edson Adolfo Deretti, que me acompanharam como formadores durante o processo de formação inicial, sendo exemplos de autenticidade na vivência do Evangelho.

Por fim, ao frei Edimar Fernando Moreira, por ter aceitado o convite de me orientar neste trabalho, sendo paciente e deveras prestativo com suas valiosas contribuições, tornando esse caminho mais fácil de ser percorrido.



Quando não podemos mais mudar uma situação,  
somos desafiados a mudar a nós mesmos.

(Viktor Frankl)



## RESUMO

A experiência do sofrimento está inevitavelmente presente na condição humana. O objetivo desse trabalho é apresentar uma proposta a partir da logoterapia e da espiritualidade cristã, a fim de que o ser humano possa ressignificar o sofrimento e encontrar sentido para a vida. Por meio de uma perspectiva bíblica, é possível perceber fortes características de sofrimento, vivenciadas por diversos personagens. Jó, Maria e Jesus Cristo são modelos na busca da ressignificação do sofrimento e um consequente encontro de sentido para a vida. Também as ciências humanas surgem como aliadas nesse processo. A logoterapia contribui com o estudo do fenômeno do sofrimento humano e fornece alternativas para o encontro com o sentido da vida. Também, a espiritualidade cristã oferece uma valiosa contribuição, auxiliando assim, tantas pessoas que passam por crises existenciais e não encontram respostas para seus mais profundos questionamentos no que tange ao sofrimento humano.

**Palavras-chave:** Sofrimento. Ressignificação. Logoterapia. Espiritualidade cristã.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Cor – Primeira Carta de Paulo aos Coríntios  
1Pd – Primeira Carta de Pedro  
2Tm – Segunda Carta de Paulo a Timóteo  
At – Atos dos Apóstolos  
Cl – Carta de Paulo aos Colossenses  
Ef – Carta de Paulo aos Efésios  
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*  
ES – Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*  
Fl – Carta de Paulo aos Filipenses  
Gl – Carta de Paulo aos Gálatas  
GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*  
Hb – Carta aos Hebreus  
Is – Livro de Isaías  
Jo – Evangelho segundo João  
Jó – Livro de Jó  
Lc – Evangelho segundo Lucas  
LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*  
Mt – Evangelho segundo Mateus  
Pr – Livro dos Provérbios  
Rm – Carta de Paulo aos Romanos  
Sb – Livro da Sabedoria de Salomão  
SD – Carta Apostólica *Salvifici Doloris*  
Sl – Livro dos Salmos



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 O SOFRIMENTO HUMANO: PERSPECTIVA BÍBLICA</b> .....	21
1.1 JÓ E A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO HUMANO .....	22
1.1.1 Jó perde tudo .....	23
1.1.2 O protesto sobre o sofrimento .....	26
1.1.3 A resposta divina .....	29
1.2 MARIA, TODA HUMANA, PLENA DE DEUS .....	32
1.2.1 Mulher da contemplação .....	33
1.2.2 Ao pé da cruz .....	38
1.2.3 Mulher integrada.....	40
<b>2 JESUS CRISTO, O SER HUMANO PERFEITO</b> .....	45
2.1 O SOFRIMENTO DO ABANDONO .....	46
2.1.1 Solidão no Getsêmani.....	46
2.1.2 Por que me abandonaste? .....	49
2.1.3 Confiança inabalável.....	51
2.2 UM SOFRIMENTO REDENTOR.....	53
2.2.1 A redenção humana .....	55
2.2.2 A Ressurreição como plenitude de vida.....	60
2.2.3 Em Jesus há sentido para o sofrimento .....	63
<b>3 A LOGOTERAPIA E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ</b> .....	67
3.1 CARACTERÍSTICAS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO .....	67
3.1.1 A globalização.....	68
3.1.2 O individualismo .....	70
3.1.3 O materialismo e o consumismo.....	72
3.2 EM BUSCA DE SENTIDO .....	75
3.2.1 A logoterapia.....	76
3.2.2 A espiritualidade cristã .....	80
3.2.3 Perspectivas pastorais .....	87
<b>CONCLUSÃO</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95



## INTRODUÇÃO

O tema do sofrimento humano está amplamente presente na atualidade. Sua abrangência é alvo de pesquisas e especulações em diversas reflexões antropológicas, psicológicas e teológicas. Sua reflexão se faz necessária a fim de compreender melhor esse fenômeno, encontrando assim, alguns recursos disponíveis para o seu enfrentamento. É por isso, que se torna relevante explorar essa temática.

O ser humano, inevitavelmente experimenta o sofrimento. Não porque sua vida está repleta dele, mas porque é impossível dissociar a existência humana do sofrimento. Quanto mais o ser humano busca conhecer-se, mais ele encontra maneiras adequadas para lidar com o sofrimento. Permanecer na ignorância aprisiona o ser humano, fazendo com que ele não tenha alternativas suficientes para lidar com as situações difíceis que se apresentam ao longo da vida.

A psicologia, por meio de diversas abordagens, durante décadas desenvolve teorias e experiências práticas, investigando o fenômeno do sofrimento humano. A partir de situações concretas que são vivenciadas pelos seres humanos, é possível realizar uma estruturação, tendo como foco o sofrimento como objeto de estudo. Partindo disso, fica possível apresentar estratégias de enfrentamento, possibilitando ao ser humano atribuir-lhe um sentido para sua vida, por meio de uma reorientação.

Vários pesquisadores do campo da psicologia oferecem relevantes descobertas e contribuições face ao fenômeno do sofrimento humano. Dentre esses, destaca-se a figura de Viktor Frankl, precursor da logoterapia, denominada como uma abordagem psicoterapêutica reconhecida internacionalmente. Seu interesse se fundamenta empiricamente na busca do sentido da vida, a partir de situações limites a que o ser humano é submetido.

Próximo desse intuito, a teologia, por meio da espiritualidade cristã, proporciona ao ser humano, uma compreensão antropológica à luz das sagradas escrituras. Essa visão situa o ser humano, numa ótica em que o sofrimento é integrante da condição humana e passível de crescimento em diversas dimensões.

Na concepção cristã, a antropologia é entendida, a partir do ser humano criado à imagem e semelhança de seu criador. É por isso que se acredita que, o ser humano vem de Deus e é para ele que retorna. Sendo assim, a vivência da espiritualidade cristã torna-se aliada para encontrar respostas frente às adversidades que o sofrimento impõe, dando-lhe um sentido superior.

O ser humano, ao se conhecer, conseqüentemente, percebe com maior clareza o mundo que o rodeia. Essa visão externa possibilita que ele se volte para o seu interior. A Palavra de Deus possibilita a iluminação das profundezas e dos abismos obscuros presentes no mais íntimo do seu ser. Essa consciência clara oportuniza o ser humano para perceber sua espiritualidade que, na perspectiva cristã, torna-se um itinerário proposto a ser seguido no caminho da busca da ressignificação do sofrimento e na conseqüente busca de sentido.

Na perspectiva de responder *como a logoterapia e a espiritualidade cristã contribuem para a ressignificação do sofrimento humano e a busca de sentido*, procurar-se-á apontar caminhos e propostas, por meio de uma revisão de literatura específica na área da psicologia e da espiritualidade cristã. Serão apresentadas respostas, com base nas sagradas escrituras, nas ciências humanas e em suas contribuições. Por fim, se verificará algumas experiências relatadas nos diversos materiais de espiritualidade disponíveis.

Esse trabalho consta de três partes. A primeira apresenta o sofrimento humano, a partir de uma perspectiva bíblica; a segunda apresenta Jesus Cristo, como modelo de ser humano perfeito; e a terceira, apresenta duas propostas como reflexão para a ressignificação do sofrimento e a busca do sentido da vida: a logoterapia e a espiritualidade cristã.

O primeiro capítulo tem como finalidade apresentar o sofrimento humano, a partir de uma perspectiva bíblica, indicando Jó, como figura representativa do Antigo Testamento; e Maria, como figura de transição entre o Antigo e o Novo Testamento. Ambos possuem experiências fortes de sofrimento e tornam-se modelos de fé numa confiança inabalável que lhes proporcionam dar um novo sentido para suas vidas, mesmo em meio às situações adversas.

No segundo capítulo é apresentado Jesus Cristo, como modelo de ser humano perfeito, que viveu de modo pleno sua condição humana. Ele é a figura central e fundamental que liga o Antigo ao Novo Testamento. Sua experiência de sofrimento, vivenciado no amor, é uma marca fundamental que a espiritualidade cristã possui como proposta de itinerário a ser seguido por aqueles que desejam atribuir sentido para suas vidas.

O terceiro capítulo tem por finalidade apresentar duas propostas, como reflexões acerca da possibilidade da ressignificação do sofrimento e da busca de sentido. Para isso faz-se primeiramente um aceno ao contexto atual em que o ser humano está inserido. Serão apresentadas algumas características do ser humano contemporâneo, como o

individualismo, o materialismo e o consumismo que acabam sendo aspectos negativos e geradores de situações limite. Por fim, quer se concluir ao apresentar como o entrelaçamento das ciências humanas, por meio da logoterapia, com a espiritualidade cristã, quando aliadas fornecem uma proposta segura e satisfatória que possibilite o ser humano, de fato, acolher, encarar e ressignificar o sofrimento imposto pela vida, fazendo-o estar carregado de sentido.



## 1 O SOFRIMENTO HUMANO: PERSPECTIVA BÍBLICA

A experiência do sofrimento humano está presente em toda a história da salvação. Diante dessa experiência, a que todos são submetidos, surgem perguntas inevitáveis: como enfrentá-lo? Como superá-lo? Onde está Deus? Essas e outras questões permeiam o mais profundo do interior de cada ser humano. Para encontrar respostas, é preciso primeiramente situar essa experiência no âmbito antropológico à luz das sagradas escrituras.

Ao recorrer às fontes bíblicas, é possível encontrar diversas experiências de sofrimento. Mathias Grenzer afirma que “Pelo contexto do livro do Êxodo, o leitor já sabe que esse caminho é marcado por perigos e sofrimentos.”<sup>1</sup> Percorrer esse caminho de obediência a Deus, e de confiança nos seus desígnios salvíficos, certamente é exigente. Esse percurso não isenta o ser humano de se confrontar com situações limite que o desafiam em questões existenciais. Felix López destaca ser preciso levar em conta que “Das diferentes dimensões do êxodo e das diversas leituras que dele já foram feitas cabe destacar aquela que o considera como um paradigma de esperança.”<sup>2</sup>

Ao reler os aspectos da história da salvação, é fundamental salientar que Deus não se torna alheio ao sofrimento humano. Desde o início, está junto do ser humano, para com ele encarar o sofrimento e sofrer com o seu povo. Nesse sentido, Dom Adelar Baruffi, bispo diocesano de Cruz Alta – Rio Grande do Sul, aponta uma síntese:

Na vida cristã, olhamos o grande mistério de Deus, que só sabe amar. Por amor Ele nos criou e sempre nos acompanha em nossos passos. Deus tem um amor antecipado por nós. Claro que o importante é saber acolhê-lo. Deus nunca é indiferente ao sofrimento humano, seja qual for o seu modo, mas Ele sofre junto. Sim, Deus sofre porque ama-nos. Basta olhar como Deus agiu na Sagrada Escritura. Ele toma partido conosco. E se Ele fica irado é exatamente porque não é

---

<sup>1</sup> GRENZER, Mathias. **O projeto do êxodo**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 83.

<sup>2</sup> LÓPEZ, Felix G. **O Pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. Trad. Alceu L. Orso. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2014. p. 146.

indiferente. O Senhor disse a Moisés: “Eu vi a humilhação de meu povo no Egito e ouvi seu clamor por causa da dureza dos feitos. Sim, eu conheço os seus sofrimentos”.<sup>3</sup>

Sendo assim, a partir daqui, serão apresentados dois personagens bíblicos numa perspectiva sapiencial. Eles carregam marcas profundas de sofrimento e conseguem dar uma lição de como é possível, por meio da situação na qual se encontram, ressignificar sua condição, atribuindo-lhe sentido.

Primeiramente no Antigo Testamento, a figura de Jó, como aquele que possuía uma vida boa, com muitos bens, mas que perde tudo. Posteriormente, como transição entre o Antigo e o Novo Testamento, a figura de Maria, como mulher integrada, que soube acolher o sofrimento em seu silêncio e sabiamente integrá-lo como experiência de sabedoria. Ambos trazem consigo profundas marcas sapienciais. Jó como sendo uma narrativa poética e Maria como figura concreta da humanidade.

## 1.1 JÓ E A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO HUMANO

Na introdução dos livros sapienciais, a Bíblia de Jerusalém apresenta a figura poética de Jó. Nele, se vê o reflexo de dramas da existência humana. Provado por Deus, que lhe permite ser ferido não somente em seus bens, mas também em sua família, e na própria carne, Jó, mesmo diante do sofrimento, permanece fiel e não rejeita o Senhor, aceitando tudo aquilo que lhe é imposto, tanto a perda dos bens quanto os males.<sup>4</sup>

Jó é apresentado como a figura clássica de um ser humano justo e sofredor. No contexto em que ele está inserido, acredita-se na teologia da retribuição. Tal doutrina ensina que o homem recebe, já em sua condição terrena, a recompensa ou o castigo por suas obras, de acordo com a vontade de Deus.<sup>5</sup> Jó representa o ser humano que é provado, de vários modos em sua existência. Essa provação coloca o ser humano em situações limite, exigindo assim fé e esperança.

---

<sup>3</sup> BARUFFI, Adelar. **Deus e o sofrimento humano**. Brasília: CNBB, 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/deus-e-o-sofrimento-humano/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

<sup>4</sup> INTRODUÇÃO a Jó. In: BÍBLIA de Jerusalém. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. p. 800-802. p. cit. 800.

<sup>5</sup> INTRODUÇÃO a Jó, 2002, p. 801.

### 1.1.1 Jó perde tudo

Sendo um homem muito rico e possuidor de muitos bens, gozava de grande paz e prosperidade. Deus, porém, permite que ele seja tentado até os extremos. Certo dia, estando na casa de um de seus filhos, recebe uma série de notícias, por meio de mensageiros, sobre desgraças que haviam assolado seus rebanhos e até mesmo seus filhos.<sup>6</sup>

Para Anthony Ceresko, tão grande é a provação enfrentada por Jó, que primeiramente ele vê todas as suas posses destruídas, perde tudo o que possuía de bens. Além disso, perde parte de sua família (seus filhos). Como se não bastasse, ele é afligido cruelmente em sua própria carne e então lhe assola uma doença cutânea terrível. Ele se vê próximo da morte.<sup>7</sup>

Então Jó se levantou, rasgou seu manto, rapou sua cabeça, caiu por terra, inclinou-se no chão e disse: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh.” Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado nem imputou nada de indigno contra Deus.<sup>8</sup>

A experiência de Jó mostra que, na vida, tudo pode mudar e a qualquer momento. Não bastava ele ter sido provado em seus bens, não amaldiçoando a Deus, foi ainda provado na própria carne. “Ele feriu Jó com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça.”<sup>9</sup> Gregório Magno, em seus escritos intitulados *Moralia* sobre Jó, descreve que “No santo Jó, o vaso de barro sofre no exterior as rupturas das úlceras. Por dentro, porém, continua íntegro o tesouro. Por fora é ferido de chagas. Por dentro, a perene nascente do tesouro da sabedoria [...].”<sup>10</sup> Desde já, pode-se perceber como a experiência de Jó deu início a um forte processo de amadurecimento espiritual.

---

<sup>6</sup> BÍBLIA de Jerusalém. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002; Jó 1,1-19.

<sup>7</sup> CERESKO, Anthony R. **A sabedoria no Antigo Testamento**: espiritualidade libertadora. Trad. Adail U. Sobral, Maria S. Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004. p. 85.

<sup>8</sup> Jó 1,20-22.

<sup>9</sup> Jó 2,7.

<sup>10</sup> GREGÓRIO MAGNO. *Moralia* sobre Jó. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das**

Sua mulher coloca-o em prova para que ele amaldiçoe a Deus, e não aceite o sofrimento que lhe é imposto. Ele, porém, mantendo-se fiel, responde: “[...] se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males? Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado com seus lábios.”<sup>11</sup>

É preciso considerar com muita atenção, nas palavras de Jó, contra a opinião de sua mulher, a justeza do seu raciocínio. [...] Grande conforto na tribulação é, em meio às contrariedades, lembrarmos-nos dos dons concedidos por nosso Criador. E não nos abatermos, em face da dor, se logo nos ocorrer à mente o dom que reanima. Sobre isto está escrito: *Nos dias bons, não te esqueças dos maus, e nos dias maus lembra-te dos bons.*<sup>12</sup>

Surgem perguntas acerca do sofrimento que lhe é imposto: não seria ele um homem justo, íntegro e reto, que temia a Deus e em tudo lhe era agradável, afastando-se do mal? Como pode ser concebido esse sofrimento? Acerca dessa questão, a introdução ao Livro de Jó aponta que

Numa perspectiva de solidariedade, pode-se aceitar que, predominando os pecados da coletividade, os justos sejam punidos juntamente com os maus. Mas se cada um deve ser tratado segundo suas obras, como um justo pode sofrer? Ora, há justos, que sofrem, e cruelmente: Jó, por exemplo.<sup>13</sup>

Samuel Terrien concorda ser possível admitir que a teologia do Livro de Jó, de modo geral, abranja a questão inevitável da pergunta que paira no ar: por que os justos sofrem? A narrativa bíblica desse poema

---

**Horas segundo o Rito Romano:** Tempo Comum - 1a a 17a semana. Rio de Janeiro: Vozes et al. 1995. v. III. p. 233-235. p. cit. 234; *Moralium in Iob* 3,15-16.

<sup>11</sup> Jó 2,10.

<sup>12</sup> GREGÓRIO MAGNO, 1995, p. 234; *Moralium in Iob* 3,15-16, grifo do autor.

<sup>13</sup> INTRODUÇÃO a Jó, 2002, p. 801.

quer lançar respostas acerca da questão do sofrimento humano. Ele muitas vezes se impõe e é incompreendido ou não aceito por não haver explicação lógica. Essas questões tornaram-se fundamentais para os judeus do século VI antes de Cristo, no momento em que eles percebiam seu mundo ruir e muito se questionavam sobre o significado de sua fé.<sup>14</sup>

Fica perceptível que Jó não coloca sua esperança nos bens terrenos, mas possui algo mais profundo para apoiar-se. Tiziano Lorenzin destaca que nos capítulos 1-2, “Jó dá uma prova incomum de paciência acolhendo sem rebelar-se torturas físicas e morais, infligidas por satanás com a permissão do Senhor.”<sup>15</sup> De fato, ele demonstra grande fortaleza diante das provações que lhe são impostas. “Dessa forma fica claro para todos que a religiosidade de Jó não depende da prosperidade econômica e familiar.”<sup>16</sup>

O autor do Livro de Jó coloca-o num grande dilema ao ponto de confundir os que o rodeiam. Sua tentação foi tão extrema, que ele mesmo passou a se questionar sobre a retribuição recebida, que de fato não foi condizente com a sua moralidade:

Inesperadamente, ele tomou o exemplo clássico do homem íntegro atirado na adversidade. A situação de Jó da lenda permitiu-lhe perscrutar o homem enquanto homem, despojado de todos os reconfortos e de todas as ilusões. Explorando o desconhecido teológico, ele foi conduzido a pedir que fosse lançada uma ponte entre o *Deus incognitus* e o homem abandonado no universo. Finalmente, aprendeu que a religião e a moralidade não conferem nenhum direito à felicidade e se achou então no limiar de um novo reino de ser, no qual a graça é suficiente.<sup>17</sup>

No início da narrativa bíblica, percebe-se que Deus concedeu a satanás uma provação imposta a Jó. Há uma disputa para ver se ele permanece fiel, mesmo diante de tantas perdas. Mas logo fica evidente que satanás perde, pois Jó, mesmo diante de tudo o que é submetido,

---

<sup>14</sup> TERRIEN, Samuel. **Jó**. Trad. Bênoni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994. p. 43.

<sup>15</sup> LORENZIN, Tiziano. **Livros Sapienciais e Poéticos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 67.

<sup>16</sup> LORENZIN, 2020, p. 67.

<sup>17</sup> TERRIEN, 1994, p. 44.

bendiz a Deus. Após sete dias de silêncio, chega à conclusão de que a tradição religiosa que ele recebeu da teologia da retribuição não está de acordo com o que acontece com ele. É então que ele começa desenvolver um longo caminho espiritual que até então ele não havia explorado.<sup>18</sup>

### 1.1.2 O protesto sobre o sofrimento

No ápice das perdas de Jó, surgem três de seus amigos: “Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat – ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo.”<sup>19</sup> Nesse momento há uma abertura para uma tentativa de compreensão dos desígnios de Deus a seu respeito e é aí que surge o silêncio. “Por sete dias guarda silêncio e assim permanece, inclusive quando seus três amigos o visitam para confortá-lo.”<sup>20</sup>

Ao chegarem próximo de Jó, o texto bíblico apresenta a seguinte cena:

Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça. Sentaram-se no chão e ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento.<sup>21</sup>

Esse silêncio gritante é rompido após sete dias. Não encontrando respostas para tamanho sofrimento, ele amaldiçoa o dia de seu próprio nascimento. Há aqui uma inversão da imagem que se tem do Jó obediente e submisso para a figura de um Jó irritado e revoltado com o Deus que lhe parece tirano e injusto.<sup>22</sup> A partir do capítulo terceiro do Livro de Jó, há uma mudança de perspectiva do próprio Jó. Isso se percebe claramente, no ciclo de discursos que são apresentados no decorrer dos capítulos do livro.

---

<sup>18</sup> LORENZIN, 2020, p. 83.

<sup>19</sup> Jó 2,11.

<sup>20</sup> LORENZIN, 2020, p. 71.

<sup>21</sup> Jó 2,12-13.

<sup>22</sup> CERESKO, 2004, p. 85.

No curso do debate, Jó passa claramente por uma mudança de perspectiva. Esta começa com o próprio solilóquio de Jó no capítulo 3. Na série de perguntas, os *porquês* dos vv. 11, 12 e 20, Jó vai do foco em sua experiência pessoal a uma preocupação mais ampla com as relações de Deus com a humanidade em geral: como é a bondade de Deus demonstrada numa dádiva que em verdade não é uma dádiva – a dádiva da vida, porém de uma vida plena de sofrimento e dor?<sup>23</sup>

É perceptível que sua desgraça é tão difícil de ser compreendida, que nem ele e nem seus amigos, após sete dias de silêncio, conseguem concebê-la. Ocorre aqui “[...] uma atitude agressiva que se agrava sempre mais no diálogo com seus três amigos vindos a consolá-lo [...]”<sup>24</sup>. Até que, “Enfim, Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.”<sup>25</sup> Ele situa-se no ápice da desolação e não encontra respostas para explicar sua condição.

Ele se recusa a viver porque incontáveis maldições lhe tomaram sobre as costas. Prefere fugir a enfrentar as tribulações de sua vida, lamentando-se com Deus, tido por responsável por sua nova, trágica e injusta situação, já que foi ele que lhe deu a vida.<sup>26</sup>

Jó se revolta, rompe o silêncio e mesmo diante de seus protestos, não consegue respostas claras que satisfaçam seus questionamentos mais profundos. Essa perspectiva de encarar o problema, confiando, mesmo sem resposta evidente, tem auxiliado muitas pessoas a enfrentar o sofrimento de suas vidas, possibilitando-lhes um caminho a seguir, que tenha sentido para sua existência.<sup>27</sup> Certamente, a experiência de Jó, ajuda o ser humano a perceber que não são somente os injustos que são afligidos, mas também os justos, pois Deus “[...] faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos.”<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> CERESKO, 2004, p. 91, grifo do autor.

<sup>24</sup> LORENZIN, 2020, p. 67.

<sup>25</sup> Jó 3,1.

<sup>26</sup> LORENZIN, 2020, p. 71-72.

<sup>27</sup> CERESKO, 2004, p. 87.

<sup>28</sup> Mt 5,45.

Diante de tamanha revolta, Jó quer fugir da realidade, apagar sua história. Ele passa a amaldiçoar não a Deus, mas a si mesmo. Ele não consegue conceber a ideia de ter sido castigado por Deus, pois para ele, nada havia cometido de injusto para receber tal maldição. Sua situação sofredora não tem explicação quando entendida no prisma da teologia da retribuição, em que se recebe uma punição divina em vista dos pecados cometidos. É assim que ele quer fugir e negar toda sua realidade e sua existência, amaldiçoando o dia de seu nascimento, já que não há explicação lógica para sua real situação.<sup>29</sup>

Jó não entende o fato de não haver explicação para o seu sofrimento. A sua batalha é grande em vista de encontrar novamente Deus que parece cada vez mais esquivar-se. Ele, porém, não deixa de acreditar na bondade divina que é infinita.<sup>30</sup>

Depois do discurso introdutório de Jó (3), o diálogo é dividido em três ciclos (4,14; 15-21; 22-27). Cada ciclo contém seis discursos: um discurso de cada um dos amigos e uma resposta de Jó a cada um deles. Segue-se um poema elogiando a sabedoria (28); depois, vem o discurso final de Jó (29-31). O terceiro ciclo parece ter sofrido algumas modificações. O discurso de Baldad (25) é muito breve e falta o discurso de Sofar. Os críticos concordam em que 26,5-14 e 27,7-23 – cujo conteúdo está em consonância com as ideias dos amigos de Jó no curso do diálogo – contém parte dos discursos de Baldad e Sofar, embora não integralmente. 32-37.<sup>31</sup>

Depois desse longo ciclo de discursos que se seguem e de interlocuções entre Jó e seus amigos, ele “[...] faz seu último desafio: ‘Oxalá houvesse alguém para me escutar! Esta é a minha última palavra. Que o Todo-poderoso me responda’ (31,35).”<sup>32</sup> Finalmente, Deus entra em cena e embora a resposta divina pareça demorada, ela chegou. “Mas

---

<sup>29</sup> LORENZIN, 2020, p. 83.

<sup>30</sup> INTRODUÇÃO a Jó, 2002, p. 802.

<sup>31</sup> McKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 485.

<sup>32</sup> CERESKO, 2004, p. 93.

a resposta de Deus é sempre diferente do que o homem espera.”<sup>33</sup> Deus não estava alheio ao sofrimento de Jó. “Então Iahweh respondeu a Jó, do seio da tempestade”.<sup>34</sup>

### 1.1.3 A resposta divina

Finalmente no diálogo que segue como parte do desfecho do livro, Jó recebe a tão esperada intervenção divina. Após um grande e longo itinerário de luta espiritual, ele percebe que Deus dá a palavra final. No último capítulo do livro, Deus repreende os amigos de Jó, por não terem apresentado a verdadeira imagem divina e sustentado a velha teologia da retribuição. O Senhor se dirige a Elifaz de Temã nestes termos: “Estou indignado contra ti e teus dois companheiros, porque não falastes corretamente de mim, como o fez meu servo Jó.”<sup>35</sup>

O porto de chegada do itinerário de Jó é uma fé renovada e purificada em Deus como *go'el* (19,25), como o parente mais próximo que tinha o direito-dever de resgatar tanto os bens quanto as pessoas de seu entorno; agora como um amigo e não mais como um inimigo, na esperança de experimentá-lo em sua história atribulada (mas talvez também numa vida futura com Ele). Assim, Jó coloca a mão na sua boca, se cala e espera (40,4). Ele aceita assim a presença da *maldição* em sua vida inocente e espera com humildade que Deus venha abençoá-lo, ou seja, espera que Deus o faça sentir novamente seu amor. Ele, no silêncio de sua meditação, se dá conta que existe um plano divino superior (38,2), no qual é possível reordenar o que está desajustado e obscuro.<sup>36</sup>

O epílogo do texto bíblico indica que Deus muda a sorte dos amigos de Jó, a partir do momento em que ele intercede por eles.<sup>37</sup> “Deus mostra confiança em Jó e reconhece a sua firmeza e virtude mesmo ao passar por grandes sofrimentos. A oração de uma pessoa

---

<sup>33</sup> TERRIEN, 1994, p. 54.

<sup>34</sup> Jó 38,1.

<sup>35</sup> Jó 42,7.

<sup>36</sup> LORENZIN, 2020, p. 84, grifo do autor.

<sup>37</sup> Jó 42,8.

como essa em favor dos outros tem, [...] grande valor aos olhos de Deus [...].”<sup>38</sup>

As posses de Jó são duplicadas e grande festa acontece na presença de seus irmãos e demais conhecidos. Essa presença amiga reconforta o seu coração, após longo período de desgraças. Além disso, oferecem-lhe dinheiro e presentes. Finalmente Deus abençoa a Jó muito mais do que no início de sua vida. Ele possuía agora grande quantidade de posses, foi abençoado com novos filhos e filhas, das quais suas filhas eram as mais belas da face da terra. Por fim, a Jó foram ainda concedidos longos anos, morrendo velho e feliz.<sup>39</sup>

Aqui, percebe-se claramente que Jó goza de alegria na presença de amigos. O fato da presença o reconforta. O papa Francisco, em sua mensagem para o XXIII Dia Mundial do Doente, em 2015, discorre sobre a sabedoria do *estar junto*:

A caridade precisa de tempo. Tempo para cuidar dos doentes e tempo para os visitar. Tempo para estar junto deles, como fizeram os amigos de Jó: “Ficaram sentados no chão, ao lado dele, sete dias e sete noites, sem lhe dizer palavra, pois viram que a sua dor era demasiado grande” (Jó 2,13). Mas, dentro de si mesmos, os amigos de Jó escondiam um juízo negativo acerca dele: pensavam que a sua infelicidade fosse o castigo de Deus por alguma culpa dele. Pelo contrário, a verdadeira caridade é partilha que não julga, que não tem a pretensão de converter o outro; está livre daquela falsa humildade que, fundamentalmente, busca aprovação e se compraz com o bem realizado.<sup>40</sup>

O ser humano precisa tomar consciência da importância da presença. Mas presença que edifique com sabedoria. Só é possível alcançar a sabedoria na paciência e na constância. “Esta é a mensagem

---

<sup>38</sup> CERESKO, 2004, p. 96.

<sup>39</sup> Jó 42,10-17.

<sup>40</sup> FRANCISCO. **Mensagem para o XXIII dia mundial do doente 2015**. Vaticano, 3 dez. 2014. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documento/papa-francesco\\_20141203\\_giornata-malato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documento/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html)>. Acesso em: 9 out. 2020.

religiosa do livro: o homem deve persistir na fé até mesmo quando seu espírito não encontra sossego.”<sup>41</sup>

Sabe-se que “Deus não explica diretamente a Jó o sentido de seu sofrimento. Mas sua palavra direta e a palavra visível na criação têm o poder de suspender qualquer pergunta.”<sup>42</sup> Desse modo, pode-se concluir que a fé supera uma explicação lógica e racional. Nossa condição humana não consegue alcançar definitivamente os desígnios divinos. “Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e meus pensamentos acima dos vossos pensamentos.”<sup>43</sup>

Até mesmo na desgraça, Deus pode transformar a situação do ser humano em graça:

Mesmo quando a doença, a solidão e a incapacidade levam a melhor sobre a nossa vida de doação, a experiência do sofrimento pode tornar-se lugar privilegiado da transmissão da graça e fonte para adquirir e fortalecer a *sapientia cordis*. Por isso se compreende como Jó, no fim da sua experiência, pôde afirmar dirigindo-se a Deus: “Os meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, mas agora veem-Te os meus próprios olhos” (42,5). Também as pessoas imersas no mistério do sofrimento e da dor, se acolhido na fé, podem tornar-se testemunhas vivas duma fé que permite abraçar o próprio sofrimento, ainda que o homem não seja capaz, pela própria inteligência, de o compreender até ao fundo.<sup>44</sup>

Portanto, o essencial é a firmeza na fé. Atitude claramente presente na conduta de Jó. Porém deve-se levar em conta que “O problema do mal não é resolvido pelo livro de Jó [...]. O poeta pelo menos não tentou resolver esse problema. A sua finalidade era outra: mostrar o triunfo da fé no desnudamento completo do eu.”<sup>45</sup>

Certamente não há uma explicação racional para o mal infligido, mas somente a certeza na resposta final que é sempre a palavra de Deus,

---

<sup>41</sup> INTRODUÇÃO a Jó, 2002, p. 802.

<sup>42</sup> LORENZIN, 2020, p. 84.

<sup>43</sup> Is 55,9.

<sup>44</sup> FRANCISCO, 2014, não paginado.

<sup>45</sup> TERRIEN, 1994, p. 58.

que foge da compreensão humana. A perseverança e a confiança no momento da adversidade são fundamentais. Gregório Magno, munido de sabedoria patrística, apresenta uma profunda reflexão sobre Jó:

Quem recebe os bens da vida, mas durante os bons tempos deixa inteiramente de temer os flagelos, cai na soberba através da alegria. Quem é atormentado pelos flagelos e nestes dias maus não se consola com os dons recebidos, perde, com o mais profundo desespero, o equilíbrio do espírito. Assim sendo, é necessário unir os dois, de modo que um sempre se apoie no outro: que a lembrança dos bens modere o sofrimento dos flagelos e que a suspeita e o medo dos flagelos estejam a morder a alegria dos bens.<sup>46</sup>

Por fim, “[...] a experiência de Jó não é um modo de compreender o mal, mas sim um modo de viver com o mal.”<sup>47</sup> Esse mal só pode ser vivido quando se experimenta a Deus. “Mesmo que no fim não tivesse sido reabilitado, Jó, confiando-se ao seu Deus, teria mesmo assim encontrado a paz e podido dizer com o salmista: ‘O meu bem é estar próximo de Deus’ (Sl 73,28).”<sup>48</sup> Desse modo, “O livro de Jó se conclui com a convicção de que somente a fé pode tornar o mal tolerável, na medida em que essa fé leva à experiência de Deus, que está ao alcance de quem a deseja.”<sup>49</sup>

## 1.2 MARIA, TODA HUMANA, PLENA DE DEUS

A figura de Maria é fundamental para a compreensão de que a integração humana perpassa o sofrimento. Ela não está isenta do sofrimento que a todo ser humano é imposto nesta realidade presente. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II, apresenta Maria como aquela que “[...] avançou no caminho da fé, e conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz, junto da

---

<sup>46</sup> GREGÓRIO MAGNO, 1995, p. 234-235; *Moralium in Iob* 3,15-16.

<sup>47</sup> McKENZIE, 1983, p. 487.

<sup>48</sup> LORENZIN, 2020, p. 86.

<sup>49</sup> McKENZIE, 1983, p. 488.

qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (cf. Jo 19,25); sofreu profundamente com seu Unigênito [...].”<sup>50</sup>

Ela possui participação especial na história da salvação, pois é por meio dela que se dá o cumprimento das promessas. Maria é o ponto-chave da grande trajetória de fé atravessada desde Sara, esposa de Abraão, no Antigo Testamento, até Isabel, sua prima, esposa de Zacarias. Ela é a marca feminina que aguarda a chegada do Messias e por meio dela se cumpre a autêntica promessa.<sup>51</sup>

Paulo, na Carta aos Gálatas, destaca Maria como figura fundamental de transição entre o Antigo e o Novo Testamento: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial.”<sup>52</sup> Mas o sim de Maria para realizar a vontade de Deus, não implicava uma vida fácil. Dom Leomar Brustolin, nomeado arcebispo de Santa Maria – RS, descreve que “São João Paulo II refere-se a Maria como a mulher forte na fé: *Não tenhais medo!*, dizia Cristo aos apóstolos (cf. Lc 24,36) e às mulheres (Mt 28,10), depois da ressurreição.”<sup>53</sup>

Com o seu sim, Maria torna-se uma mulher da coragem e da esperança. Portanto, buscar-se-á percorrer alguns momentos fundamentais e que marcaram profundamente sua trajetória espiritual como processo de integração humana. Maria é também mulher da contemplação, que ao pé da cruz experimenta o extremo de sua entrega a Deus, tornando-se assim uma mulher forte e integrada com Deus e consigo mesma.

### 1.2.1 Mulher da contemplação

O Evangelho de Lucas apresenta características peculiares. Uma delas é a presença marcante de personagens femininas em seu relato. É por isso que se utilizará dele como base para apresentar alguns aspectos da vida de Maria. Luis Mosconi, ao escrever sobre o Evangelho de

---

<sup>50</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197. p. cit. 184-185; LG 58.

<sup>51</sup> BRUSTOLIN, Leomar A. **Eis a tua mãe**: síntese de mariologia. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 11.

<sup>52</sup> Gl 4,4-5.

<sup>53</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 23-24, grifo do autor.

Lucas, destaca que um “[...] aspecto da Virgem Maria, que sempre nos toca muito, é sua capacidade de contemplar, em silêncio, a presença consoladora e libertadora de Deus nos acontecimentos cotidianos da vida [...]”.<sup>54</sup>

Logo após o nascimento de Jesus, alguns pastores se dirigem para encontrar Jesus na manjedoura:

Foram então às pressas, e encontraram Maria, José, e o recém-nascido deitado na manjedoura. Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino; e todos os que os ouviam ficavam maravilhados com as palavras dos pastores. *Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração.*<sup>55</sup>

Maria ensina a contemplar tudo no coração, pelo silêncio. Mas não um silêncio vazio. Trata-se de um silêncio sapiencial, carregado de sabedoria. “Maria, diante dos fatos, conserva o ocorrido e medita. Ela guarda consigo esses acontecimentos, que estão marcados pela presença do mistério, ao qual ela deu seu *faça-se*.”<sup>56</sup>

Desse modo, percebe-se claramente que Maria coloca-se numa posição de ouvinte/meditante da palavra de Deus, já desde o início de sua participação como colaboradora nos divinos desígnios da história da salvação. “Maria conservava a palavra [...] e se esforçava para interpretá-la em profundidade [...]. A Virgem Mãe é o modelo do discípulo, ouvinte profundo e não superficial da palavra.”<sup>57</sup>

Pelo fato de contemplar em profundidade e com os olhos da fé, ela reúne em seu coração os fatos ocorridos como um tesouro precioso que precisa ser guardado. Maria observa, ouve, contempla. Para ela não está tudo claro, mas aguarda o tempo de Deus, que não é compreendido pela lógica humana. A assimilação vai acontecendo por meio de uma

---

<sup>54</sup> MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas**: para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1997. p. 105.

<sup>55</sup> Lc 2,16-19, grifo nosso.

<sup>56</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 39, grifo do autor.

<sup>57</sup> FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério**: ensaio de mariologia simbólico-narrativa. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 76.

escuta atenta a tudo aquilo que acontece. Por hora, ela só pode perceber de modo parcial, o grande mistério que Deus realizou através dela.<sup>58</sup>

O papa Francisco, em homilia proferida na solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, no ano de 2020, destaca que Maria

Conservava tudo: a alegria pelo nascimento de Jesus e a tristeza pela hospitalidade negada em Belém; o amor de José e a admiração dos pastores; as promessas e as incertezas quanto ao futuro. Interessava-se por tudo e, no seu coração, tudo reajustava, incluindo as adversidades. Pois, no seu coração, tudo organizava com amor e confiava tudo a Deus.<sup>59</sup>

O papa Bento XVI discorre acerca disso, dizendo que pensar em Maria, automaticamente, conduz para uma imagem da escuta, da vivência da Palavra, da meditação que reúne todas as coisas, e depois, em forma de mosaico, consegue compreendê-las. Sendo uma mulher crente e confiante, ela se abandona a Deus, deixando a sua vontade de lado e colocando em primeiro plano a humildade, em vista do seu filho. Mulher de coragem, ela permanece de pé junto à cruz, mesmo quando os discípulos fogem.<sup>60</sup>

Logo após o nascimento de Jesus, o evangelista Lucas relata que José e Maria levaram o menino para ser apresentado no Templo e circuncidado, a fim de cumprir a Lei de Moisés.<sup>61</sup> Nesse momento, acontece o encontro entre o Antigo e o Novo Testamento por meio de uma cena emblemática e que marca o itinerário espiritual que Maria deverá enfrentar. O velho Simeão profetiza sobre a espada de dor que haverá de traspasar a alma da jovem mãe:

---

<sup>58</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 39-40.

<sup>59</sup> FRANCISCO. **Homilia na solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus.** Vaticano, 1 jan. 2020a. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200101\\_omelia-madredidio-pace.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200101_omelia-madredidio-pace.html)>. Acesso em: 16 out. 2020.

<sup>60</sup> BENTO XVI. **Homilia no 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II e solenidade da Imaculada Conceição.** Vaticano, 8 dez. 2005. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20051208\\_anniv-vat-council.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html)>. Acesso em: 19 out. 2020.

<sup>61</sup> Lc 2,22-23.

Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam dele. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Eis que este menino foi posto para a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição – e a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações”.<sup>62</sup>

Maria é mulher de fé, e por percorrer juntamente o caminho de seu filho Jesus, também ela é convidada a participar de um processo de sofrimento ao qual todo crente deve passar. Seguir a Jesus não é fácil, e também muitas vezes não é compreensível.<sup>63</sup> “A obra de seu Filho não se realizará sem sofrimento e luta. Ela, por desígnio divino, está associada a essa obra.”<sup>64</sup>

“Quando Simeão recebe Jesus nos braços, sua voz proclama um hino de louvor ao Deus que visita seu povo. Sua longa expectativa é atendida.”<sup>65</sup> Há aqui, o cumprimento das profecias. Simeão representa o Antigo Testamento. Ele pode agora partir em paz, pois seus olhos viram a salvação que o Senhor prometera a ele. “Maria e José ficam admirados com a cena que presenciam e com tudo o que é dito a respeito do menino.”<sup>66</sup> Mas mesmo em meio a toda essa admiração, a profecia de Simeão permanece ressoando no coração da Virgem Mãe.

Ele declara que o menino será causa de contradição. É portador da salvação, mas não será acolhido por todos. Quem acolher sua proposta receberá a salvação e a libertação; quem não acolher o verá como pedra de tropeço, como alguém que deve ser eliminado. Nisso consiste a profecia, essa é a espada de dois gumes que irá rasgar o coração de Maria. E o ápice da dor dessa espada ela experimentará ao contemplar o seu filho na cruz, como o mais desprezível dos homens.<sup>67</sup>

Seguindo o percurso do itinerário de Maria, parece que o evangelista Lucas quer frisar essa característica tão cara de Maria, ao inserir novamente a imagem da mulher da contemplação. Nesse

---

<sup>62</sup> Lc 2,33-35.

<sup>63</sup> PAREDES, José C. R. G. **Maria a Mulher do Reino de Deus**. Trad. Attílio Cancian. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1984. p. 78.

<sup>64</sup> STRADA, Angel L. **Maria: um exemplo de mulher**. Trad. Attílio Cancian. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989. p. 56.

<sup>65</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 40.

<sup>66</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 41.

<sup>67</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 41.

momento Jesus já está adolescente, e o texto bíblico está situado no momento do encontro do menino Jesus no templo entre os doutores, após sua perda. “Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. *Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração.*”<sup>68</sup> Afonso Murad, em seu *Compêndio de Mariologia*, apresenta que

Por duas vezes Lucas diz que Maria *guarda no coração os acontecimentos e procura descobrir o seu sentido*. Na primeira vez, depois do nascimento de Jesus (Lc 2,19). Ela está contente e surpresa, como toda jovem mãe. Deve ter olhado e amamentado seu bebê com carinho. O menino Jesus está envolvido em panos e deitado no local onde o gado se alimenta. Então, eles recebem a visita dos pastores. Quanta coisa para pensar, para meditar, para descobrir o sentido. O que vai ser desse menino, como educá-lo bem, de que maneira amá-lo? Na segunda vez, o menino está crescido. É adolescente, um rapazinho com seus doze anos. Curioso, cheio de iniciativa, ousado, Jesus se encontra no templo, conversando com os doutores.<sup>69</sup>

Maria possui um jeito próprio de guardar. Não se trata meramente de um armazenamento de informações, mas se trata de um guardar contemplativo.<sup>70</sup> Na segunda cena, ao ser questionado, responde claramente e com convicção a respeito de sua atitude. A mãe, novamente sem entender de modo pleno, guarda no coração, procurando dar sentido.<sup>71</sup>

O papa Francisco ressalta a virtude de Maria como mulher que enfrenta a vida, mesmo em meio aos obstáculos e dificuldades que se impõem:

---

<sup>68</sup> Lc 2,51, grifo nosso.

<sup>69</sup> MURAD, Afonso. **Maria: toda de Deus e tão humana**. *Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012. p. 56, grifo do autor.

<sup>70</sup> STRADA, 1989, p. 58.

<sup>71</sup> MURAD, 2012, p. 56.

No Evangelho, esta atividade de Maria reaparece uma segunda vez: na adolescência de Jesus, diz-se que a “sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2, 51). Esta repetição faz-nos compreender que o gesto de guardar no coração não era simplesmente um ato bom que Nossa Senhora realizava de vez em quando, mas é um hábito d’Ela. É próprio da mulher tomar a peito a vida. A mulher mostra que o sentido da vida não é produzir coisas em continuação, mas tomar a peito as coisas que existem. Só vê bem quem olha com o coração, porque sabe *ver dentro*: a pessoa independentemente dos seus erros, o irmão independentemente das suas fragilidades, a esperança nas dificuldades; vê Deus em tudo.<sup>72</sup>

É através de uma contínua posição de contemplação que Maria age durante toda sua vida. Mas essa contemplação não se dá de modo inerte. Ela age intensamente na história, enfrentando a vida com confiança. Sua obra se dá na ação e contemplação. Isso se dá para que ela possa enfrentar um dos momentos mais dolorosos de sua vida: a crucificação de seu amado filho, na qual ela permanecerá de pé, junto à cruz.

### 1.2.2 Ao pé da cruz

Ao pé da cruz, Maria experimenta o sofrimento humano de forma plena – a dor da entrega de seu filho, que sendo inocente é condenado como um malfeitor. Não há palavras para descrever a dor que ela sente em seu interior. “Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo.”<sup>73</sup>

O evangelista João apresenta o relato da presença de Maria, no momento em que Jesus está prestes a passar deste mundo para o Pai. “Perto da cruz de Jesus, *permaneciam de pé sua mãe*, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena.”<sup>74</sup> Maria aparece com destaque no início da vida pública de Jesus, nas bodas de Caná, e

<sup>72</sup> FRANCISCO, 2020a, não paginado, grifo do autor.

<sup>73</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013. p. 155; EG 285.

<sup>74</sup> Jo 19,25, grifo nosso.

também agora no momento crucial da entrega do seu filho. Pode-se dizer que Maria abre e fecha a missão terrena de seu filho.<sup>75</sup>

*Maria e as mulheres perseveram até o fim.* Maria, a mãe de Jesus, que aparece no início de sua missão, em Caná (Jo 2,1-11), levando seus discípulos a acreditarem nele, volta de novo à cena. Dessa vez, não há nenhum sinal extraordinário. Ao contrário, o momento da cruz desafia a fé dos discípulos. Maria está junto de Jesus, não somente como mãe sofredora. Ela faz parte do pequeno grupo que perseverou, que não fugiu no momento da perseguição e da crucificação de Jesus.<sup>76</sup>

Maria está presente num dos momentos fundamentais da vida de Jesus. “Sua presença não é casual, nem somente um testemunho de seu sentimento maternal, mas possui uma profunda significação teológica. [...] Está acompanhando seu Filho na redenção do mundo.”<sup>77</sup> Sua presença é fundamental. Embora inundada pela dor e sofrimento, ela sabia que aquela situação dolorosa não seria definitiva.

Não é como castigo de seus pecados que a Imaculada sofre e participa do sacrifício da Cruz. Ela só podia aceitar o sofrimento integrando-o na sua redenção subjetiva. A sua co-paixão é a explicitação do *fiat mihi secundum verbum tuum* inicial. Maria colabora no sacrifício porque, aos pés da Cruz, oferece verdadeiramente o sacrifício de Cristo.<sup>78</sup>

Essa compreensão apresentada, de que Maria não sofre pelos seus pecados, é fundamental para que se compreenda o sofrimento de tantos seres humanos que sofrem injustamente e precisam perseverar no caminho da vida. Maria “é a corajosa seguidora de Jesus, que

---

<sup>75</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 49-50.

<sup>76</sup> MURAD, 2012, p. 97, grifo do autor.

<sup>77</sup> STRADA, 1989, p. 61.

<sup>78</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. **Maria, Mãe da Redenção**: Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Trad. Clarêncio Neotti. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 64.

*permanece* no seu amor. [...] O gesto de *manter-se de pé*, representado pela iconografia, significa persistência, constância, adesão.”<sup>79</sup> É a atitude fundamental que todo ser humano pode aprender de Maria para também permanecer de pé diante das dificuldades e sofrimentos da vida.

“A fê dolorosa de Maria atinge o ponto mais alto quando ela se vê de pé, junto à cruz de seu filho.”<sup>80</sup> Naquele momento, ela representou toda humanidade que sofre. Sendo assim, pode-se dizer que “Maria de pé junto do Crucificado é a imagem-guia de todos os que permanecem firmes junto das infinitas cruces que se levantam ao longo dos tempos.”<sup>81</sup>

A Virgem ocupa agora um lugar ao lado dos que precisam ser consolados e estão aflitos por tantas dificuldades que os afligem. Ela faz-se solidária diante dos sofredores que padecem as injustiças do mundo. Chora não somente por seu filho, mas pela dor da humanidade inteira.<sup>82</sup>

### 1.2.3 Mulher integrada

Maria é modelo de mulher que representa o ser humano que vive de modo integrado. Mesmo frente às adversidades e sofrimentos da vida, ela mostra a atitude de esperança que a faz permanecer de pé, porque ouviu as palavras do Senhor e as colocou em prática, construindo sua casa sobre a rocha, permanecendo firme diante das tempestades.<sup>83</sup> Ela é figura da mulher apresentada pelo Livro dos Provérbios: “Quem encontrará a mulher de valor? Vale muito mais do que pérolas.”<sup>84</sup>

Também, o evangelista Lucas gosta de evidenciar essa característica tão cara à Maria, ao apresentá-la como uma mulher madura e equilibrada:

Ao desvendar a personalidade espiritual de Maria como discípula do Senhor, que ouve e medita os

---

<sup>79</sup> MURAD, 2012, p. 97, grifo do autor.

<sup>80</sup> PAREDES, José C. R. G. **A verdadeira história de Maria**. 6. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000. p. 26.

<sup>81</sup> BOFF, Clodovis. **Mariologia social**: o significado da virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. p. 445.

<sup>82</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 50.

<sup>83</sup> Mt 7,24.

<sup>84</sup> Pr 31,10.

acontecimentos, Lucas toca, portanto, numa característica básica da espiritualidade bíblica. Em leitura contemporânea, diríamos que esse traço da personalidade de Maria diz respeito a todo ser humano maduro e equilibrado.<sup>85</sup>

Maria não enfrentava a vida de modo passivo, e não se deixava levar pelos sentimentos, mesmo quando esses lhes causavam dor e espanto. Foi fiel em sua missão até os extremos, sem perder a fé naquele que ela havia depositado toda sua vida.<sup>86</sup> O modo de viver que Maria teve, foi sem dúvida, “[...] pura graça e privilégio, mas ao mesmo tempo, a aprovação divina de seu engajamento terrestre e maternal na fé.”<sup>87</sup> Tudo que ela possui é por graça divina, mas ela contribui com seus atos, seu jeito de ser, com toda a sua vida, os planos de Deus que culminam numa vida integrada.

Para Maria, o amor é o que move a vida. Mesmo na ausência, no silêncio e na escuridão, ela não deixa de amar e confiar. A morte não tem a palavra final, diante do amor. Mesmo sofrendo, ela não desanima, mas se coloca numa atitude de espera confiante.<sup>88</sup> “Humanamente falando, Maria aparece dotada de uma subjetividade rica, interrogativa, reflexiva. É uma mulher consciente, responsável, diríamos hoje, *madura*.”<sup>89</sup>

O papa Paulo VI define Maria como “[...] o modelo da perfeição cristã, o espelho das virtudes sinceras e a maravilha mais sublime da humanidade.”<sup>90</sup> Nesse sentido, percebe-se claramente que Maria é a figura de uma nova humanidade, que a seu exemplo é convidada também a viver de modo integrado a partir de seu rico itinerário espiritual. Maria “[...] emerge na história como uma pessoa inteiramente

---

<sup>85</sup> MURAD, 2012, p. 57.

<sup>86</sup> PAREDES, 2000, p. 26.

<sup>87</sup> SCHILLEBEECKX, 1966, p. 66.

<sup>88</sup> BRUSTOLIN, 2017, p. 50-51.

<sup>89</sup> BOFF, Clodovis. **Introdução à mariologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 49, grifo do autor.

<sup>90</sup> PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam***. Vaticano: 1964. Não paginado; ES 33. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html)>. Acesso em: 20 out. 2020.

integrada, unificada ou harmonizada em todas as suas potencialidades, perfeitamente equilibrada e sadia.”<sup>91</sup>

À medida que a pessoa exercita esta atitude de *guardar no coração e buscar sentido para os fatos* transforma-se num aprendiz, num discípulo. Quando acontece alguma experiência forte, ela vai além do nível elementar, da satisfação ou dor. Procura descobrir *o que aprendeu com a experiência*. Cada novo desafio se transforma em aprendizagem existencial. Então, ela não envelhece. Mesmo que tenha idade avançada, está sempre aprendendo com a vida. Vai conquistando a sabedoria, que é o conhecimento com sabor e sentido, o saber que alimenta e unifica a existência.<sup>92</sup>

Assim como todo ser humano, Maria também foi crescendo no plano psicológico. Esse processo, que é exigente, requer um combate interior e uma caminhada na vida espiritual, que culmina no amadurecimento humano afetivo.<sup>93</sup> “Ela encarna a figura do *sábio*, que ‘medita na Lei do Senhor dia e noite’ (Sl 1,2). Ela tem psicologia própria da pessoa *crente* por excelência, que pensa nas coisas misteriosas de Deus [...]”<sup>94</sup>

Acerca disso, Murad descreve que

Se o cultivo da meditação é dimensão humana indispensável, como caminho para o autoequilíbrio e para ser aprendiz da existência, descobre-se, então, um novo sentido para a relação entre ação e contemplação, pastoral e espiritualidade.<sup>95</sup>

Maria é mestra nisso, e a partir dela, todo ser humano é convidado a fazer a experiência de dar sentido existencial para o sofrimento. Sendo mãe, ela “[...] ensina os cristãos a cultivar a

---

<sup>91</sup> BOFF, 2006, p. 425.

<sup>92</sup> MURAD, 2012, p. 58, grifos do autor.

<sup>93</sup> BOFF, 2006, p. 432.

<sup>94</sup> BOFF, 2012, p. 49, grifo do autor.

<sup>95</sup> MURAD, 2012, p. 59.

interioridade, a meditar. Guardar as coisas no coração, buscar sentido nos acontecimentos e preparar-se para o que vai acontecer.”<sup>96</sup> Maria sofre, acolhe, medita e integra todas as coisas que estão ao seu redor.

Ela possui um jeito próprio de ser que ensina a viver de tal modo que a vida tenha sentido, mesmo onde a incerteza parece gritar. Em sua vida, o desespero não tem espaço. Vive um grande paradoxo: é serva e rainha, vive como peregrina na fé, e sendo pobre, possui tudo o que lhe é essencial, pois fundamentou sua vida em Deus.

---

<sup>96</sup> MURAD, 2012, p. 59.



## 2 JESUS CRISTO, O SER HUMANO PERFEITO

No Novo Testamento, Jesus Cristo é quem plenifica com o amor toda forma de sofrimento. O papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Salvici Doloris*, já recordava acerca do sentido que se deve dar para o sofrimento humano, ao relacioná-lo com o sofrimento vicário de Cristo: “O sofrimento, de fato, é sempre uma provação – por vezes, uma *provação* muito dura – à qual a humanidade é submetida.”<sup>97</sup> Sendo assim “[...] com tal abertura a todos os sofrimentos humanos, Cristo operou com o seu próprio sofrimento a Redenção do mundo.”<sup>98</sup>

O evangelista João recorda que “[...] Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna.”<sup>99</sup> Para os cristãos, a partir da perspectiva do amor é possível compreender e dar sentido ao sofrimento. Cristo o demonstrou em toda sua vida, mas é no ápice de sua paixão que ele o apresenta de modo pleno. Deus, ao entregar seu próprio filho, além de confirmar sua presença no meio de nós, dá a prova de seu amor extremo pela humanidade.

Paulo, na Carta aos Colossenses, salienta a participação do sofrimento humano na redenção. Ele mesmo atribui a si, o sofrimento como motivo de alegria no mistério de Cristo: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta às tribulações de Cristo em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja.”<sup>100</sup>

Isso quer dizer que o ser humano é participante do sofrimento de Cristo. “As palavras da Carta aos Colossenses, acima citadas, atestam o caráter excepcional dessa união.”<sup>101</sup> Não que o sofrimento de Cristo não fosse suficientemente uma obra de redenção completa. A intenção é salientar a participação que o ser humano possui, tornando assim, possível compreender o ser humano que sofre, a partir de uma vida

---

<sup>97</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Salvici Doloris***. Vaticano: 1984. Não paginado; SD 23, grifo do autor. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html)>. Acesso em: 21 out. 2020.

<sup>98</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 24.

<sup>99</sup> Jo 3,16.

<sup>100</sup> Cl 1,24.

<sup>101</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 24.

carregada de sentido existencial, porque voltada para uma realidade superior.<sup>102</sup>

## 2.1 O SOFRIMENTO DO ABANDONO

A história de uma pessoa sempre está marcada pela finitude terrena. Jesus tinha consciência dessa realidade, e que, para chegar ao limiar, deveria experimentar situações não tão agradáveis.<sup>103</sup> Jesus experimentou o abandono em diversos momentos de sua paixão. Mas é, sobretudo, nas últimas horas que esse sentimento se evidencia. Para Bruno Forte, “A vida de Jesus é toda orientada para a cruz; [...]. Toda a vida do Nazareno está sob o signo grave e doloroso da cruz.”<sup>104</sup>

Já no Antigo Testamento, percebe-se que essa temática acerca do sofrimento humano está vivamente presente. “O Livro de Jó põe, de modo perspicaz, a pergunta sobre o *porquê* do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução ao problema.”<sup>105</sup> No Novo Testamento, emerge em Jesus Cristo, em quem o sofrimento é levado à plenitude, afirmando, assim, que o sofrimento, mesmo injusto, tem sentido.

Isso se verifica, sobretudo, na paixão de Jesus. “É por isso que a comunidade das origens pôde reconhecer no Nazareno o homem das dores de que fala o profeta.”<sup>106</sup> Seu sofrimento já era predito: “Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.”<sup>107</sup>

### 2.1.1 Solidão no Getsêmani

O sentimento de abandono experimentado por Jesus inicia-se no momento da agonia no Jardim das Oliveiras. O evangelista Mateus relata que Jesus, “Levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou

---

<sup>102</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 24.

<sup>103</sup> FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história:** ensaio de uma cristologia como história. Trad. Luiz J. Gaio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 275-276.

<sup>104</sup> FORTE, 1985, p. 277.

<sup>105</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 12, grifo do autor.

<sup>106</sup> FORTE, 1985, p. 277.

<sup>107</sup> Is 53,3.

a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então: ‘*Minha alma está triste até a morte. Permanecei aqui e vigiai comigo*’.<sup>108</sup>

Nesse momento, Jesus sente-se totalmente sozinho. Para José Antonio Pagola, professor de Cristologia e autor de várias obras nessa área, “A solidão de Jesus é total. Seu sofrimento e seus gritos não encontram eco em ninguém: Deus não lhe responde; seus discípulos *dormem*.”<sup>109</sup> Trata-se da experiência radical de solidão que Jesus experimentou, ao assumir os pecados da humanidade.

Acerca desse momento de oração realizada por Jesus, o sacerdote espanhol Armand Puig, considerado um dos maiores pesquisadores europeus na área de Ciências Bíblicas, destaca que “[...] essa oração é feita no meio da angústia e exprime um sentimento de abandono por parte de Deus.”<sup>110</sup> Não há dúvidas que Jesus, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, enfrentou uma realidade paradoxal entre as duas naturezas nessa hora.

Contudo, mesmo envolto por esse sentimento de total abandono, ele entrega sua causa ao Pai. Embora sua humanidade clame para livrar-se daquela terrível situação que estava por vir, seu amor e sua fidelidade ao projeto do Pai fazem com que ele deixe tudo nas mãos de Deus. A vontade de Deus deve ocupar a primazia.<sup>111</sup>

A propósito dessa convicção acerca da necessária passagem pelo sofrimento que estava por vir, pode-se dizer que

Por isso, Cristo repreende severamente Pedro quando ele pretende fazê-lo abandonar os pensamentos sobre o sofrimento e a morte na Cruz. E quando, no momento de Ele ser preso no Getsêmani, o mesmo Pedro procura defendê-lo com a espada, Cristo diz-lhe: ‘*Mete a tua espada na bainha... Como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais é necessário que assim suceda?*’. E diz ainda: ‘*Não hei de eu beber o cálice que meu Pai me deu?*’.<sup>112</sup>

---

<sup>108</sup> Mt 26,37-38, grifo do autor.

<sup>109</sup> PAGOLA, José A. **Jesus**: aproximação histórica. Trad. Gentil A. Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 479, grifo do autor.

<sup>110</sup> PUIG, Armand. **Jesus**: uma biografia. Trad. Lara A. Dias. São Paulo: Paulus, 2020. p. 562.

<sup>111</sup> Mt 26,39.

<sup>112</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 16, grifos do autor.

Mesmo rodeado por alguns discípulos, eles fogem após Jesus ser preso. “Tudo isso, porém, aconteceu para se cumprirem os escritos dos profetas. Então todos os discípulos, *abandonando-o*, fugiram.”<sup>113</sup> Pagola ainda destaca que “Ele está só! Os relatos deixam entrever esta solidão de Jesus ao longo de toda a paixão.”<sup>114</sup> Agora ele também não pode mais contar nem com a presença física de seus amigos.

Para Bruno Forte, “[...] é legítimo falar de um abandono por parte do Pai: a dor mais profunda do Crucificado não está tanto nos pregos dos homens, em que se consumava o previsto *império das trevas* de sua rejeição.”<sup>115</sup> Desse modo, entende-se que a agonia de Jesus, o seu sofrimento mais profundo, não se situa fisicamente, visto que “A sua verdadeira dor, a sua cruz, está no fato de experimentar o abandono de Deus!”<sup>116</sup>

Mesmo em meio a tudo isso, Jesus não abandona sua fidelidade, visto que ele padeceu em sua carne o sofrimento redentor. Veio para redimir o gênero humano, e para isso, teve que apresentar ao Pai toda a humanidade imersa no sofrimento que o pecado lhe causou. É assim que, com seu próprio sofrimento e suas lágrimas, pela obediência, foi atendido e glorificado por Deus Pai.<sup>117</sup>

Depois de concluído o processo injusto e de receber a sentença de condenação por crucifixão, Jesus dirige-se para o calvário.<sup>118</sup> “Chegando ao lugar chamado Gólgota, isto é, lugar que chamavam de Caveira, deram-lhe de beber vinho misturado com fel. Ele provou, mas não quis beber.”<sup>119</sup>

Os escárnios e zombarias também o acompanham, acrescentando o seu sofrimento. “Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça.”<sup>120</sup> Pagola salienta que “Da cruz, Jesus provavelmente só percebe rejeição e hostilidade.”<sup>121</sup> O contexto de sua execução é este: “Com ele foram crucificados dois ladrões, um à direita, outro à

---

<sup>113</sup> Mt 26,56, grifo nosso.

<sup>114</sup> PAGOLA, 2014, p. 479.

<sup>115</sup> FORTE, 1985, p. 287, grifo do autor.

<sup>116</sup> FORTE, 1985, p. 287.

<sup>117</sup> Hb 5,7.

<sup>118</sup> PUIG, 2020, p. 604-605.

<sup>119</sup> Mt 27,33-34.

<sup>120</sup> Mt 27,39.

<sup>121</sup> PAGOLA, 2014, p. 479.

esquerda.”<sup>122</sup> Pode-se imaginar o sentimento de abandono que experimentou Jesus diante da hostilidade com que foi tratado.

### 2.1.2 Por que me abandonaste?

Do alto da cruz, “por volta da hora nona, Jesus deu um grande grito: *‘Eli, Eli, lamá sabachtháni?’*, isto é: *‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’*.”<sup>123</sup> Nesse momento, Jesus experimenta no mais profundo do seu ser a distância que o pecado causou entre a criatura e o criador. O teólogo dominicano Marie-Dominique Philippe, destaca que “Na cruz, a pobreza invade tudo, devasta tudo. Cristo é despojado de todos os bens exteriores. Os soldados não lhe arrancam apenas as vestes, [...] mas também a própria carne.”<sup>124</sup>

Jesus está no extremo de seu sofrimento. Para Puig, “Os momentos finais da vida de Jesus caracterizam-se por uma oração pronunciada com toda a força de que é capaz um homem extremamente debilitado pelos sofrimentos.”<sup>125</sup> Toda a vida de Jesus foi de comunhão com o Pai. Seu itinerário sempre esteve a favor da vontade de Deus. Nesse momento, pregado na cruz, parece que essa comunhão não existe mais.<sup>126</sup> Eis a agonia, o sofrimento de Jesus.

Pagola, referindo-se ao grito de abandono de Jesus na cruz, afirma: “Estas palavras, pronunciadas em aramaico, língua materna de Jesus, e gritadas no meio da solidão e do abandono total, são de uma sinceridade esmagadora.”<sup>127</sup> Esse é o conflito existencial vivido por Jesus nesse momento tão doloroso: o abandono.

Jürgen Moltmann diz que “O tormento nos seus tormentos foi esse abandono de Deus.”<sup>128</sup> O profeta Isaías, no quarto cântico do servo sofredor, apresenta a imagem do homem que estava tão desfigurado, que já não tinha mais aparência humana e as multidões se espantavam diante

---

<sup>122</sup> Mt 27,38.

<sup>123</sup> Mt 27,46, grifo do autor.

<sup>124</sup> PHILIPPE, Marie-Dominique. **O mistério do Cristo crucificado e glorificado**. São Paulo: Paulinas, 1970. p. 93.

<sup>125</sup> PUIG, 2020, p. 621.

<sup>126</sup> FORTE, 1985, 287.

<sup>127</sup> PAGOLA, 2014, p. 483.

<sup>128</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad. Juliano B. de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 193.

dele.<sup>129</sup> Os pecados dos seres humanos, assumidos por Jesus, fizeram com que ele ficasse desfigurado.

O Canto do Servo sofredor contém uma descrição na qual se podem, de certo modo, identificar os momentos da paixão de Cristo com vários pormenores deles: a prisão, a humilhação, as bofetadas, os escarros, o rebaixamento da própria dignidade do prisioneiro, o juízo injusto; e, a seguir, a flagelação, a coroação de espinhos e o escárnio, a caminhada com a cruz, a crucifixão e a agonia.<sup>130</sup>

Ao apresentar Jesus como a figura do abandonado, Forte expressa que “Jesus sofre de maneira única e irrepitível, precisamente porque experimenta a solidão em relação Àquele com o qual é verdadeiramente um no amor.”<sup>131</sup> A pobreza de Jesus, aqui representada, supera a restrição de materialidade, mas supõe algo maior, a perda da dignidade, da estima. Nesse momento ele está totalmente despido, rejeitado e degradado enquanto ser humano, sem direito algum. É tratado como um ser nocivo, do qual todos devem se afastar.<sup>132</sup>

Para Forte,

Ao Deus, tornado estranho, o Crucificado faz a pergunta, carregada com o eco profundo da dor humana, com o choque mais radical com a finitude: *Por que me abandonaste?* É a interrogação de todos os pobres, deserdados e oprimidos da terra: ela traz em seu bojo o estupor ante a obscuridade do que acontece e a dor de sentir-se abandonado.<sup>133</sup>

Parece um sofrimento sem explicação. “Apesar de seus gritos ao Pai no horto do Getsêmani, Deus não veio em sua ajuda. Seu Pai querido o abandonou a uma morte ignominiosa. Por quê?”<sup>134</sup> Mas “A

<sup>129</sup> Is 52,14.

<sup>130</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 17.

<sup>131</sup> FORTE, 1985, p. 288.

<sup>132</sup> PHILIPPE, 1970, p. 93-94.

<sup>133</sup> FORTE, 1985, p. 287, grifo do autor.

<sup>134</sup> PAGOLA, 2014, p. 483.

paixão é um tempo de silêncio de Deus.”<sup>135</sup> Por mais que seja evidente que Jesus experimentou o abandono em toda radicalidade, deve-se levar em conta que jamais lhe faltou a confiança.

### 2.1.3 Confiança inabalável

“Sua invocação não deixa de ser uma expressão de confiança: *Meu Deus!* Deus continua sendo seu Deus apesar de tudo. Jesus não duvida de sua existência nem de seu poder para salvá-lo.”<sup>136</sup> Deus não está indiferente ao sofrimento de seu filho, assim como também não está alheio ao sofrimento de todos os seres humanos. Forte destaca que, “Este silêncio do Pai diante do Filho que morre é a *morte de Deus* sobre a cruz; ou melhor, a revelação da cruz como *morte em Deus*.”<sup>137</sup>

Desse modo, o silêncio de Deus pode ser entendido como o grande sacrifício realizado para a salvação de toda a humanidade. Um Deus que sofre por amor, a ponto de entregar seu próprio filho. “O Filho morre, dilacerado no mais profundo de seu coração pelo afastamento do Pai; o Pai *morre*, porque *entrega* dolorosamente o Filho, como um dia Abraão *entregou* Isaac.”<sup>138</sup>

Trata-se do sofrimento do inocente, que parece sofrer sem sentido. Essa foi a experiência profunda de Jesus:

Queixa-se de seu silêncio: onde está? Por que se cala? Por que o abandona precisamente no momento em que mais precisa dele? Jesus morre na noite mais escura. Não entra na morte iluminado por uma revelação sublime. Morre com um *por quê?* nos lábios. Tudo fica agora nas mãos do Pai.<sup>139</sup>

Como entender o sofrimento de um inocente? “Se é verdade que o sofrimento tem um sentido como castigo, quando ligado à culpa, já *não é verdade* que *todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha caráter de castigo*.”<sup>140</sup> Ou seja, muitas vezes o sofrimento pode,

---

<sup>135</sup> PUIG, 2020, p. 622.

<sup>136</sup> PAGOLA, 2014, p. 483-484, grifo do autor.

<sup>137</sup> FORTE, 1985, p. 287, grifos do autor.

<sup>138</sup> FORTE, 1985, p. 287, grifos do autor.

<sup>139</sup> PAGOLA, 2014, p. 484, grifo do autor.

<sup>140</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 11, grifo do autor.

de fato, estar ligado à culpa e ser entendido como castigo, pois a consciência acusa algo errado. Mas não quer dizer que todo sofrimento está atrelado a um castigo pela culpa cometida. Há muitos que sofrem injustamente. Jó, Maria, Jesus, são exemplos claros disso.

Para o teólogo francês Christian Duquoc, “A angústia do justo é fonte de escândalo.”<sup>141</sup> Por isso, somente dando um sentido maior ao sofrimento é que se consegue ressignificá-lo. Certamente a figura de Jó no Antigo Testamento, é prefiguração do abandono e sofrimento de Jesus. Porém,

No calvário, este é infinitamente mais atingido do que o de Jó. Com muito mais razão do que este, Cristo pode dizer: “Abre-me ferida sobre ferida” (Jó 16,14). Mais do que Jó, Cristo é desprezado: “Sou um verme e não um homem, opróbrio dos homens e rebotalho da plebe” (Sl 22,7). “Nu saí do ventre de minha mãe e nu a ele retornarei. Javé deu, Javé retomou. Que seja bendito o nome de Javé” (Jó 1,21).<sup>142</sup>

É certo que o sofrimento de Jesus, ao sentir-se abandonado, é prova de que ele realmente é o filho de Deus, pois sente em sua carne o distanciamento abissal entre sua condição e a relação de íntima unidade que o une ao Pai desde sempre e para sempre. Não é somente o filho que sofre, mas também o Pai, revelando assim a participação trinitária do sofrimento de Deus na redenção do mundo.<sup>143</sup> Desse modo, fica evidente que Deus não está alheio ao sofrimento humano, mas se importa tanto com a humanidade, a ponto de sofrer por ela.

O sofrimento de Jesus abandonado e suas últimas palavras são atribuídos pelos evangelistas Marcos e Mateus, a partir da perspectiva do Salmo 22. É com base no texto integral desse salmo que se deve compreender o sentido do abandono. Não se trata de um sofrimento sem sentido, como se o ponto final estivesse ali, na cruz. Esse é um salmo de esperança, com um desfecho vitorioso.<sup>144</sup>

---

<sup>141</sup> DUQUOC, Christian. **Cristologia. Ensaio dogmático II: o Messias.** Trad. Atico Fassini. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 37.

<sup>142</sup> PHILIPPE, 1970, p. 100.

<sup>143</sup> FORTE, 1985, p. 288-289.

<sup>144</sup> DUQUOC, 1996, p. 38.

Puig destaca que, “Se Jesus escolheu uma oração conhecida – o versículo 2 do Salmo 22 – é porque não há n’Ele desespero nem maledicência: é impossível dizer mal de Deus com uma oração que começa com seu nome.”<sup>145</sup> Desse modo,

Pode-se dizer que estas palavras sobre o abandono nascem no plano da união inseparável do Filho com o Pai, e nascem porque o Pai fez cair sobre ele as culpas de todos nós na linha daquilo mesmo que mais tarde dirá São Paulo: A ele, que não conhecera o pecado, Deus tratou-o, por nós, como pecado.<sup>146</sup>

Embora haja o sentimento de abandono por parte de Jesus em relação ao Pai, o Pai jamais o abandonou. De fato, as “[...] palavras de Jesus na cruz mostram o verdadeiro alcance daquela provação, a ferida mais profunda daquela paixão. Não obstante, essa ferida não apagou a confiança.”<sup>147</sup>

Assim, fica possível falar de sofrimento suportável, pois há nele um sentido maior, que supera a situação meramente como ela se apresenta. Essas experiências, certamente possibilitam ao ser humano enfrentar situações de sofrimento com esperança e confiança, assim como Jesus, sendo o homem perfeito, viveu toda sua vida de modo pleno, por meio, não de um sofrimento vazio, sem sentido, mas mediante um sofrimento redentor.

## 2.2 UM SOFRIMENTO REDENTOR

Jesus Cristo certamente é o homem perfeito, pois viveu sua vida de modo pleno e integrado. Não foi uma vida fácil, mas, mesmo assim, ele conseguiu integrar todas as situações vivendo-as repletas de sentido. Sendo Deus, assumiu tudo aquilo que é humano. A Carta aos Hebreus afirma que, “Com efeito, não temos Sumo Sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado.”<sup>148</sup> Na Carta aos Filipenses, Paulo descreve essa situação emblemática e de difícil compreensão, a partir da lógica humana:

---

<sup>145</sup> PUIG, 2020, p. 622.

<sup>146</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 18.

<sup>147</sup> PUIG, 2020, p. 622.

<sup>148</sup> Hb 4,15.

Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.<sup>149</sup>

Mesmo tendo condição divina, ele quis abraçar o ser humano de modo integral, assumindo em sua carne, ou seja, em sua vida como um todo, tudo aquilo que se refere à humanidade. “Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, sobretudo pelo fato de ter ele próprio assumido *sobre si este sofrimento*.”<sup>150</sup>

Surge a pergunta: como Deus pode se sujeitar a isso? O papa Bento XVI, na Sexta-Feira Santa do ano de 2008, durante a *Via Crucis* no Coliseu, refletiu sobre essa questão: “Podemos porventura permanecer indiferentes face à morte de um Deus? Para nós, para a nossa salvação fez-se homem e morreu na cruz.”<sup>151</sup>

Mesmo diante dessa situação que aos olhos humanos é tão injusta, Jesus não perdeu a oportunidade de mostrar como é possível enfrentar o sofrimento e ressignificá-lo, mesmo quando tudo parece fugir da lógica humana e não ter sentido. Por sua morte e ressurreição acontece a redenção humana. A partir disso, compreende-se que em Jesus, há sentido para o sofrimento.

---

<sup>149</sup> Fl 2,6-11.

<sup>150</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 16, grifo do autor.

<sup>151</sup> BENTO XVI. **Saudação do papa Bento XVI: *Via Crucis*** no Coliseu. Palatino, 21 mar. 2008. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080321\\_via-crucis-colosseo.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080321_via-crucis-colosseo.html)>. Acesso em: 24 maio 2021.

### 2.2.1 A redenção humana

Em seu sofrimento vicário, Cristo pôde realizar a redenção humana. É por isso que tal sofrimento não é vazio e estéril, mas encontra-se repleto de sentido. A redenção acontece de modo pleno na cruz. “A cruz é verdadeiramente o fecho de toda a história do povo de Israel. História que, [...], é pontilhada pela exigência de sacrifícios, aos quais a cruz confere-lhe, de modo eminente, seu derradeiro significado.”<sup>152</sup>

A morte de cruz era considerada motivo de vergonha e escândalo, por se tratar de uma situação ignominiosa. Para os cristãos, a partir da morte de Jesus, a cruz acaba assumindo um novo significado:

A Cruz é fonte de vida imortal, é escola de justiça e de paz, é patrimônio universal de perdão e de misericórdia; é prova permanente de um amor oblativo e infinito que levou Deus a fazer-se homem vulnerável como nós até morrer crucificado. Os seus braços pregados abrem-se para cada ser humano e convidam-nos a aproximar-nos d'Ele na certeza de que nos acolhe e nos estreita num abraço de ternura infinita: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim" (Jo 12,32).<sup>153</sup>

Esse inefável mistério só pode ser aberto para a humanidade, pois é realizado pelo próprio filho de Deus. “Aquele que, com a sua paixão e morte na Cruz, opera a Redenção é o Filho unigênito que Deus nos *deu*.”<sup>154</sup> É por isso que a cruz é valorizada. Por aquilo que nela acontece, o lenho da Santa Cruz é o altar da redenção.

“Na cruz, Nosso Senhor agiu como rei, rei de paz, fruto do amor, que se instaura na pobreza. Na cruz, na pureza do seu coração e na sede de justiça do Pai, Cristo age como testemunha fiel do amor.”<sup>155</sup> É por isso que se pode dizer que somente a partir da perspectiva do amor é que é possível compreender como se pode obter a salvação por meio de uma morte tão ignominiosa.

---

<sup>152</sup> PHILIPPE, 1970, p. 190.

<sup>153</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>154</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 17, grifo do autor.

<sup>155</sup> PHILIPPE, 1970, p. 190.

Paulo, em sua primeira Carta aos Coríntios, afirma: “Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus.”<sup>156</sup> Mais adiante, ainda no que tange a isso, prossegue ele enfatizando que a imagem do Cristo crucificado é considerada um escândalo e loucura para o mundo, mas fonte de salvação e de sabedoria de Deus para os que são chamados e escolhidos para participar desse mistério.<sup>157</sup>

Pode-se então se questionar quem são os chamados para participar desse mistério. Paulo explicita isso em sua segunda Carta a Timóteo, ao afirmar que Jesus “[...] nos salvou e nos chamou com vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude do seu próprio desígnio e graça. Essa graça nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.”<sup>158</sup>

A partir disso, se conclui que a salvação de Cristo é universal e atinge toda a humanidade. Está aberta para todos aqueles que quiserem aderir a ela. Para o papa Bento XVI, “Através do caminho doloroso da cruz os homens de todas as épocas, reconciliados e remidos pelo sangue de Cristo, tornaram-se amigos de Deus, filhos do Pai celeste.”<sup>159</sup>

O sacrifício redentor de Jesus ocorre por meio de sua entrega como sacrifício perfeito na obediência livre. “Este holocausto de adoração implica um sacrifício de satisfação, um sacrifício de misericórdia e de resgate para a salvação do mundo. É o cordeiro que carrega a iniquidade do mundo.”<sup>160</sup>

Desse modo, é possível compreender que Jesus abraçou todo o sofrimento humano, e por sua morte e ressurreição preenche de sentido o sofrimento, e, assim, todo ser humano que sofre pode sentir-se contemplado nesse abraço de amor e de ternura. É a isso que Paulo refere-se ao afirmar que “[...] por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, *aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.*”<sup>161</sup>

Essa amizade, chamada de filiação adotiva, acontece porque Jesus restaura a dignidade do ser humano que havia sido perdida, como

<sup>156</sup> 1Cor 1,18.

<sup>157</sup> 1Cor 1,23-24.

<sup>158</sup> 2Tm 1,9.

<sup>159</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>160</sup> PHILIPPE, 1970, p. 191.

<sup>161</sup> 1Cor 1,30-31.

aponta o sacerdote Maurílio Teixeira-Leite Penido: “Vem a queda ferir a amizade divina, destroçar a harmonia íntima da alma, privar o homem dos poderes extraordinários sobre o próprio corpo, sobre a natureza.”<sup>162</sup> É a situação caótica à qual o ser humano é submetido numa condição de pecado.

Mas o ponto fundamental está em destacar que Jesus, por meio de sua paixão, morte e ressurreição, restabelece a ordem cósmica, fazendo com que o ser humano recupere aquela ordem primitiva que havia perdido.<sup>163</sup> Assim, afirma-se com certeza, que Jesus mesmo sendo Deus, abraça integralmente o sofrimento humano, uma vez que, sendo verdadeiro Deus, é também verdadeiro homem. Assim salienta o papa João Paulo II:

Ao mesmo tempo, este *Filho da mesma natureza que o Pai sofre como homem*. O seu sofrimento tem dimensões humanas; e tem igualmente – únicas na história da humanidade, – uma profundidade e intensidade que, embora sendo humanas, podem ser também uma profundidade e intensidade de sofrimento incomparáveis, pelo fato de o Homem que sofre ser o próprio Filho unigênito em pessoa: *Deus de Deus*.<sup>164</sup>

Quando o sofrimento se estabelece, muitas pessoas não o associam ao sofrimento redentor de Cristo. Isso lhes causa desgosto e falta de sentido. “Infelizmente nem sempre os homens conseguem compreender a profundidade desse amor ilimitado que Deus sente pelas suas criaturas.”<sup>165</sup> Em seu amor, Jesus restaura a humanidade, possibilitando novamente o acesso entre a criatura e o criador.

Para Penido, “A esta restauração chamamos de Redenção, que se pode definir teologicamente: *a restituição, por Cristo, da amizade entre Deus e o homem pecador*.”<sup>166</sup> Não há mais divisão, mas sim unidade. Deste modo, só Jesus “[...] é capaz de abarcar a extensão do mal contida no pecado do homem: em cada um dos pecados e no pecado *total*,

---

<sup>162</sup> PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite. **O mistério de Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1968. p. 168.

<sup>163</sup> PENIDO, 1968, p. 168.

<sup>164</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 17, grifos do autor.

<sup>165</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>166</sup> PENIDO, 1968, p. 169, grifo do autor.

segundo as dimensões da existência histórica da humanidade na terra.”<sup>167</sup>

Jesus conduz o ser humano da escravidão para a liberdade, sem fazer distinção ou aceitação de pessoas. “Para Ele não há diferença de raça nem de cultura. Jesus Cristo morreu para libertar toda a humanidade do desconhecimento de Deus, do cerco de ódio e vingança, da escravidão do pecado.”<sup>168</sup> Eis uma realidade do mistério da redenção: “A Cruz torna-nos irmãos.”<sup>169</sup>

É assim que Jesus abraça e acolhe todo o sofrimento do ser humano. Para Moltmann,

O sofrimento de Cristo não é exclusivamente sofrimento seu, mas é *inclusive* nosso sofrimento e o sofrimento de nossos dias. Sua cruz está irmanada entre nossas cruces como sinal de que Deus mesmo participa do nosso sofrimento e carrega nossas dores. *O Filho de Deus, que sofre* tornou-se um de nós de tal modo que as inúmeras e inomináveis pessoas injuriadas e abandonadas são seus irmãos e irmãs.<sup>170</sup>

A partir da perspectiva do amor é possível entender isso tudo. Ele sofre para integrar o sofrimento humano. Ele, livremente aceita o sofrimento na forma dos flagelos e do abandono, da humilhação para se unir ao ser humano que sofre. Nesse momento, ele não realiza milagres que ultrapassam a realidade humana, mas participa do sofrimento humano através de suas chagas que curam a humanidade.<sup>171</sup>

Philippe destaca ainda que “É por isso que a obra da cruz, na sua plenitude, na sua totalidade concreta, é obra de amor. *O fogo do céu* desce para queimar tudo.”<sup>172</sup> E os seres humanos, associados a esse grande mistério, não estão mais sozinhos e órfãos no mundo. Para

---

<sup>167</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 17, grifos do autor.

<sup>168</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>169</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>170</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?** Trad. Ênio P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 42, grifos do autor.

<sup>171</sup> MOLTSMANN, 1996, p. 42.

<sup>172</sup> PHILIPPE, 1970, p. 193, grifo do autor.

Penido, “Assim podemos colher diferentes aspectos de uma só realidade altíssima.”<sup>173</sup>

Esse grande mistério acontece por meio da obediência. Mas é preciso destacar que não se trata de uma obediência contrária à sua vontade, mas é assumida livremente. Por isso ocorre a reparação da desobediência que havia sido causada pelos primeiros pais. Assim como esses pecaram livremente, Jesus também realizou seu plano redentor livremente.<sup>174</sup>

*Cristo sofre voluntariamente e sofre inocentemente.* Ele acolhe, com o seu sofrimento, aquela interrogação – feita muitas vezes pelos homens – que foi expressa, num certo sentido, de uma maneira radical no Livro de Jó. Cristo, porém, não só é portador em si da mesma interrogação (e isso de um modo ainda mais radical, uma vez que Ele não é somente homem como Jó, mas é o Filho unigênito de Deus), como dá também *a resposta mais completa que é possível a esta interrogação.* A resposta emerge, pode-se dizer, da mesma matéria que constitui a pergunta. Cristo responde a esta pergunta, sobre o sofrimento, e sobre o sentido do sofrimento, não apenas com o seu ensino, isto é, com a Boa Nova, mas primeiro que tudo, com o próprio sofrimento, que está integrado, de um modo orgânico e indissolúvel, com os ensinamentos da Boa Nova.<sup>175</sup>

Sendo assim, pode-se dizer que Cristo viveu plenamente a realidade humana, a ponto de integrar o sofrimento condizente à condição do ser humano. Mesmo assim, sofrendo, ele não cometeu pecado, mostrando ao ser humano que é possível ressignificar o sofrimento, seguindo aquilo que ele ensinou. Ao ser humano cabe a tarefa de atribuir sentido ao sofrimento, mesmo quando ele parecer incompreensível aos olhos humanos. Nesse momento é preciso olhar com os olhos da confiança, assim como fez Jesus, sendo fiel ao seu projeto de amor, até as últimas consequências.

---

<sup>173</sup> PENIDO, 1968, p. 169.

<sup>174</sup> PHILIPPE, 1970, p. 193.

<sup>175</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 17, grifos do autor.

## 2.2.2 A Ressurreição como plenitude de vida

Como entender a possibilidade de tamanho sofrimento, a ponto de morrer o próprio filho de Deus? Pagola realça a pergunta acerca do “*Por quê?* Essa é também a pergunta que se fazem todos os seguidores de Jesus. Por que Deus abandonou aquele homem executado injustamente por defender sua causa?”<sup>176</sup>

Essa pergunta só pode ser respondida a partir da ótica do que ocorreu sucessivamente: a ressurreição. Logo no início do cristianismo, destaca-se o discurso de Pedro, através dos Atos dos Apóstolos: “Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios.”<sup>177</sup> Porém, a vida daquele homem, considerado um fracassado, não terminou daquele modo cruel, como se todo o sofrimento tivesse ocorrido em vão. O texto sagrado prossegue da seguinte forma: “[...] *Deus o ressuscitou*, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder.”<sup>178</sup> Nem mesmo a morte foi capaz de aprisionar Jesus.

Philippe destaca que “Todos os evangelistas começam atraindo nossa atenção para a verificação do túmulo vazio.”<sup>179</sup> É o ponto de partida para uma prova concreta de que, aquele homem, considerado fracassado, havia ressuscitado. As fontes cristãs

[...] afirmam, direta ou indiretamente, que o corpo de Jesus desapareceu do sepulcro no qual tinha sido enterrado e que o próprio Jesus, em pessoa, foi visto várias vezes e de forma ocasional por um grupo significativo de discípulos e de seguidores, que falaram com Ele e até o tocaram.<sup>180</sup>

Ainda para Puig, “O perfil biográfico de uma personagem costuma terminar com sua morte, o ponto final da vida.”<sup>181</sup> Com Jesus não foi assim. Há com ele um fato inédito que não pode ficar esquecido. Jesus sempre esteve convicto de que a ressurreição era algo real. Nesse

---

<sup>176</sup> PAGOLA, 2014, p. 489, grifo do autor.

<sup>177</sup> At 2,23.

<sup>178</sup> At 2,24, grifo nosso.

<sup>179</sup> PHILIPPE, 1970, p. 233.

<sup>180</sup> PUIG, 2020, p. 638.

<sup>181</sup> PUIG, 2020, p. 638.

aspecto, ele compactua do mesmo pensamento do grupo de fariseus de sua época. Para eles, a história final terá um desfecho que não termina com a morte do corpo. Haverá um julgamento, a partir da conduta realizada em vida.<sup>182</sup>

Jesus assume em sua carne conteúdos próprios da literatura sapiencial. No Livro de Jó, percebe-se claramente uma alusão à ressurreição: “Eu sei que meu Defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó: quando tiverem arrancado esta minha pele, fora de minha carne verei a Deus.”<sup>183</sup> Porém, Jesus supera a visão de Jó, pois a sua ressurreição corporal dignifica até mesmo a carnalidade humana.

Philippe salienta que “O mistério do corpo de Cristo é para nós essencial, porque, assim como sua morte é modelo de nossa morte cotidiana, igualmente a sua ressurreição é causa e modelo de nossa ressurreição.”<sup>184</sup> Outra alusão à vida após a morte na literatura sapiencial encontra-se numa passagem do Livro da Sabedoria, que trata sobre a sorte dos justos:

A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos pareceram mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz.<sup>185</sup>

Nesse sentido, a vida de Maria está de acordo com a vida de seu filho. Para Boff, “A Gloriosa foi a Dolorosa. O caminho para a glória é o caminho da cruz.”<sup>186</sup> Assim, Maria torna-se ícone para tantos sofredores que se identificam com ela no caminho do calvário da vida. Ela torna-se mãe dos que sofrem. A piedade popular atribui à Maria um carinho e uma identificação singular, pois,

A *via crucis* de Maria para a glória foi semelhante a *via crucis* da grande maioria dos pobres na história. A cruz da Virgem foi a cruz dos pobres e excluídos desse mundo: *cruz cotidiana*

---

<sup>182</sup> PUIG, 2020, p. 640.

<sup>183</sup> Jó 19,25-26.

<sup>184</sup> PHILIPPE, 1970, p. 246.

<sup>185</sup> Sb 3,1-3.

<sup>186</sup> BOFF, 2006, p. 534.

extremamente pesada *cruz social* feita de exclusão e *cruz existencial* comum a todos os mortais.<sup>187</sup>

Jesus cumpre tudo isso de modo radical, fazendo com que todo o sofrimento tenha como perspectiva de esperança a ressurreição. “A Cruz de Cristo projeta a luz salvífica de um modo assim tão penetrante sobre a vida do homem e, em particular, sobre o seu sofrimento, porque, mediante a fé, chega até ele juntamente *com a Ressurreição* [...]”<sup>188</sup> O ser humano não precisa mais temer. Não há situação obscura que não possa ser iluminada. Sobre Cristo e, conseqüentemente, sobre o ser humano por participação de tão grande mistério, nem mesmo a morte possui esse poder.

Para Philippe, “O vazio do túmulo nos mostra que o corpo de Cristo ressuscitado já não pertence a este universo, que já não é cativo da terra e que já não está submetido à morte e ao sofrimento.”<sup>189</sup> O ser humano, configurado à imagem de Cristo, possui, então, esperança para igual sorte, uma vez que “O Espírito molda o homem ao destino de Jesus Cristo.”<sup>190</sup>

O fato da ressurreição de Jesus torna-se algo tão radical e fundamental para os cristãos, que Paulo afirma em sua primeira Carta aos Coríntios: “Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados.”<sup>191</sup> A ressurreição de Jesus deu todo o sentido para o sofrimento humano. É sinal de consolo e esperança. João Paulo II afirma:

A Ressurreição de Cristo revelou a *glória que está contida no próprio sofrimento* de Cristo, a qual muitas vezes se refletiu e se reflete no sofrimento do homem, como expressão da sua grandeza espiritual. Importa reconhecer esta glória, não só nos mártires da fé, mas também em muitos outros homens que, por vezes, mesmo sem a fé em Cristo, sofrem e dão a vida pela verdade e por uma causa justa. Nos sofrimentos de todos estes é

<sup>187</sup> BOFF, 2006, p. 535, grifos do autor.

<sup>188</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 21, grifo do autor.

<sup>189</sup> PHILIPPE, 1970, p. 247.

<sup>190</sup> FORTE, 1985, p. 327.

<sup>191</sup> 1Cor 15,16-17.

confirmada, de um modo particular, a grande dignidade do homem.<sup>192</sup>

Desse modo, pode-se dizer que o sofrimento, além de ter um sentido maior na perspectiva da esperança, também é capaz de dignificar o ser humano. Isso porque o identifica com o próprio Deus que se fez carne e sofreu na própria carne, por amor ao ser humano. Confiadamente se pode afirmar que em Jesus Cristo há sentido para toda e qualquer forma de sofrimento.

### 2.2.3 Em Jesus há sentido para o sofrimento

A partir do que já foi exposto, não há como negar que em Jesus o sofrimento adquire grande significação. O apóstolo Pedro em sua primeira Carta às comunidades cristãs, ratifica que Cristo, “Sobre o madeiro, *levou os nossos pecados* em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas, fostes curados.”<sup>193</sup> De fato, tendo essa certeza, sabe-se que a cura para toda a dor e sofrimento, já está garantida.

Para Bento XVI, “Esta é a verdade da Sexta-Feira Santa: na cruz o Redentor restituiu-nos a dignidade que nos pertence, tornou-nos filhos adotivos de Deus que nos criou à sua imagem e semelhança.”<sup>194</sup> E é a partir dessa ótica que também os sofrimentos de tantos homens e mulheres adquirem um sentido superior.

Forte, destaca que “Nunca valorizaremos suficientemente o sofrimento do mundo. Parece que a história progride através da dor, no conflito de interesses, de classes, de raças, de indivíduos e povos.”<sup>195</sup> Em Jesus tudo assume um novo sentido. O sofrimento humano não é vazio. “Pode-se dizer que com a paixão de Cristo todo o sofrimento humano veio a encontrar-se numa nova situação.”<sup>196</sup>

O sofrimento e a morte de Jesus apontam para esse paradoxo que conduz à salvação. Acerca disso, Puig salienta que “Jesus de Nazaré intuiu sua morte, mas não a procurou, como alguém que deseja imolar-se. Essa morte foi resultado de muitos fatores que foram tecendo uma

---

<sup>192</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 22, grifo do autor.

<sup>193</sup> 1Pd 2,24.

<sup>194</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>195</sup> FORTE, 1985, p. 23.

<sup>196</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 19.

espécie de teia de aranha à sua volta [...].”<sup>197</sup> Sua fidelidade ao projeto de amor do Pai, o levaram até as últimas instâncias.

Jesus caminha em direção da morte, não procurando-a, mas enfrentando-a de cabeça erguida. Como alguém que é capaz de encará-la, pois possui plena confiança de que não será abandonado. Aceita a condição na qual está inserido.<sup>198</sup> Assume em si a prece do salmista que reza: “Sustenta-me, conforme tua promessa, e viverei, não deixes que minha esperança me envergonhe.”<sup>199</sup>

Ainda no Salmo 16(15), o salmista reza confiante: “Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam e minha carne repousa em segurança; pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova.”<sup>200</sup> Essa fé está implícita no que posteriormente foi atribuído à confiança inabalável que o Messias possuiria em relação à certeza da ressurreição dos mortos.

Embora livre de pecado, ele assume sobre si todo o pecado da humanidade. Não só dos seus contemporâneos, mas de todo ser humano, desde o momento da queda original.

Parece mesmo que Jó a tinha pressentido, quando dizia: “Eu sei que o meu Redentor está vivo...”, e que para ela tivesse orientado o seu próprio sofrimento que, sem a Redenção, não teria podido revelar-lhe a plenitude do seu significado. Na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também *o próprio sofrimento humano foi redimido*. Cristo – sem ter culpa nenhuma própria – tomou sobre si todo o mal do pecado.<sup>201</sup>

Como se pode perceber, também o sofrimento presente no mundo foi assumido e redimido por Jesus que foi imolado pelo e para o ser humano. “Membro de um corpo imolado, cada cristão deve partilhar do sacrifício. Desde o seu nascer à vida sobrenatural, ele entra em contato

---

<sup>197</sup> PUIG, 2020, p. 500.

<sup>198</sup> PUIG, 2020, p. 500.

<sup>199</sup> Sl 119(118),116.

<sup>200</sup> Sl 16(15),9-10.

<sup>201</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; SD 19, grifo do autor.

com a cruz.”<sup>202</sup> Já não há mais porque sofrer em vão, a partir do momento em que se compreende essa realidade apresentada.

A forma com que Jesus encara o sofrimento é pedagógica. Para Puig, “Jesus vê um sentido no ato de morrer, que não procede d’Ele, mas sim da relação íntima que mantém com Deus, o Pai.”<sup>203</sup> Enfaticamente contrário aos que acusam Deus de ser alheio ao sofrimento do mundo, Forte contrasta que “Contra essa mentalidade, o Deus cristão revela uma dor ativa, livremente escolhida, perfeita na perfeição do amor.”<sup>204</sup>

O evangelista João destaca que “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.”<sup>205</sup> Sendo assim, pode-se dizer que o mistério pascal de Jesus Cristo é a certeza de que o sofrimento do ser humano pode ser ressignificado a partir daquilo que a espiritualidade cristã apresenta como proposta. De fato, “Deus dá sentido à morte de Jesus porque o sofrimento de Jesus se transforma no meio através do qual chegam a libertação e a salvação.”<sup>206</sup> Assim, Jesus Cristo assume o papel de modelo do Homem perfeito, para todos aqueles que desejam aderir a seu exemplo e configurar-se com sua vida, a partir daquilo que ele próprio experimentou.

---

<sup>202</sup> PENIDO, 1968, p. 211.

<sup>203</sup> PUIG, 2020, p. 500.

<sup>204</sup> FORTE, 1985, p. 26.

<sup>205</sup> Jo 15,13.

<sup>206</sup> PUIG, 2020, p. 500.



### 3 A LOGOTERAPIA E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

As ciências humanas são fundamentais para compreender a realidade na qual o ser humano, na atualidade está inserido. Para isso, faz-se necessário, primeiramente, expor e compreender que lugar ocupa o ser humano hoje, e quais suas características próprias. Essas características podem por vezes, ser negativas, fazendo com que o ser humano entre em estado de sofrimento.

Quando o ser humano se depara com situações negativas que geram sofrimento, procura buscar sentido para sua existência. A psicologia, mais especificamente com a logoterapia, surge como ciência humana, aliada nesse processo de busca de sentido para o sofrimento e ressignificação de situações difíceis. Contribuindo com as ciências humanas e no fortalecimento de estratégias de enfrentamento, a espiritualidade cristã surge como alternativa, que possibilita ao ser humano viver de modo integrado, superando o sofrimento e dando sentido a ele.

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, do Concílio Vaticano II, apresenta um diagnóstico acerca de algumas características do ser humano da contemporaneidade. Revela algumas dificuldades no que tange o nível pessoal, ao afirmar que “[...] origina-se com frequência um desequilíbrio entre o saber prático moderno e o pensar teórico, que não consegue dominar o conjunto dos seus conhecimentos nem ordená-lo em sínteses satisfatórias.”<sup>207</sup>

Essa multiplicidade de situações e possibilidades que o mundo contemporâneo oferece e até mesmo impõe, faz com que o ser humano encontre dificuldades de orientação e sentido. “Gera-se, finalmente, o desequilíbrio entre a especialização da atividade humana e a visão global da realidade.”<sup>208</sup> Juliana Zamulak, psicóloga, pedagoga e especialista em logoterapia e análise existencial, destaca que “A

---

<sup>207</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-661. p. cit. 547; GS 8.

<sup>208</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 547; GS 8.

sociedade contemporânea passa por grandes transformações que interferem não só na vida humana, mas no planeta como um todo.”<sup>209</sup> Trata-se do chamado processo de globalização, no qual inevitavelmente o ser humano da atualidade está inserido.

### 3.1.1 A globalização

Para Zamulak, “Convivemos diariamente com avanços tecnológicos, desenvolvimento científico, ampliação dos meios de comunicação, entre outros.”<sup>210</sup> Acerca disso, o cardeal Óscar Maradiaga em seu livro intitulado *Sem ética não há desenvolvimento*, afirma que “A sociedade se desumaniza à medida que se mercantiliza. As fronteiras tendem a ser indiscriminadamente abertas para as mercadorias e fechadas para as pessoas.”<sup>211</sup>

O papa Francisco, por meio da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, discorre sobre essa realidade, ao apresentar que

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude.<sup>212</sup>

O abismo social existente entre as nações é gritante, e os índices de desigualdade crescem cada vez mais. Aparece a intolerância entre grupos sociais que desejam muitas vezes impor suas ideologias. O egoísmo das nações do primeiro mundo, que preferem se garantir privilegiando-se sobre os mais desfavorecidos, acaba gerando fortes

<sup>209</sup> ZAMULAK, Juliana. Autotranscendência: caminho para superação do individualismo. *Logos & Existência*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 130-142, 2015. p. 131. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/26268/14701>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

<sup>210</sup> ZAMULAK, 2015, p. 131.

<sup>211</sup> MARADIAGA, Óscar. *Sem ética não há desenvolvimento*. Trad. Carlo A. Dastoli. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 20-21.

<sup>212</sup> FRANCISCO, 2013, p. 42-43; EG 64.

tensões.<sup>213</sup> Essas situações de injustiça acabam gerando conflitos no coração do ser humano. Em contrapartida dessa realidade, o profeta Isaías anuncia: “O fruto da justiça será a paz, e a obra da justiça consistirá na tranquilidade e na segurança para sempre.”<sup>214</sup>

O processo de globalização gera ainda uma overdose de informações. Para o papa Francisco,

Vivemos numa sociedade da informação que nos satura indiscriminadamente de dados, todos postos ao mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores.<sup>215</sup>

Se, por um lado, a informação é benéfica, por outro, acaba fazendo com que a humanidade viva apenas na superficialidade, sem fundamentos sólidos. Zamulak afirma que “[...] o progresso facilitou a vida, encurtou distâncias e conferiu ao ser humano mais poder de compra e consumo de bens e serviços. Mas, paralelamente também trouxe consequências desastrosas.”<sup>216</sup>

Esse processo doloroso e difícil pelo qual a humanidade está atravessando, inevitavelmente, promove um alto nível de estresse, aumento de casos de depressão, alto nível de suicídios, fruto de um vazio existencial em que muitos acabam ficando imersos. Se por um lado o desenvolvimento da tecnologia proporcionou avançados sistemas de orientação, como o GPS, por exemplo, por outro, nunca se viram pessoas tão desorientadas quanto ao sentido de suas vidas.<sup>217</sup>

É nesse contexto de globalização que se evidenciam algumas características peculiares do ser humano. O individualismo, o consumismo e o materialismo são fenômenos que cada vez mais se fazem presentes nesse cenário globalizado. Isso faz com que o ser

---

<sup>213</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 547; GS 8.

<sup>214</sup> Is 32,17.

<sup>215</sup> FRANCISCO, 2013, p. 43; EG 64.

<sup>216</sup> ZAMULAK, 2015, p. 131.

<sup>217</sup> MARADIAGA, 2015. p. 22.

humano se depara com situações complexas, que exigem grande adaptação e resiliência.<sup>218</sup>

### 3.1.2 O individualismo

Nesse contexto de globalização, percebe-se que o ser humano passou a ocupar a centralidade, como se tudo estivesse em suas mãos. Zamulak afirma que “O individualismo reinante na nossa sociedade aprisiona e fragiliza o homem.”<sup>219</sup> Isso porque o ser humano não pode realizar-se sozinho, pois é um ser de relação.

O papa Francisco destaca que,

Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.<sup>220</sup>

Isso faz com que o ser humano volte toda a atenção para si mesmo de modo egoísta, focado apenas em seus próprios interesses. “Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo hodierno estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem.”<sup>221</sup> Desse modo, fica evidente que o reflexo de uma sociedade individualista, está profundamente enraizado no coração do ser humano, uma vez que “Quanto mais o ser humano se fecha nos seus próprios interesses, mais teme pelos prejuízos que pode sofrer.”<sup>222</sup>

---

<sup>218</sup> “Originalmente, o termo resiliência surgiu a partir da física e refere-se à habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade, invulnerabilidade ou invencibilidade são precursores da definição do termo na área da psicologia. A invulnerabilidade significaria uma resistência absoluta ao estresse, uma característica não sujeita a mudanças. No entanto, com os progressos dos estudos, os pesquisadores constataram que a resiliência não significava invencibilidade, mas sim a possibilidade de enfrentamento, adaptação e superação.” (PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar**: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010. p. 141).

<sup>219</sup> ZAMULAK, 2015, p. 132.

<sup>220</sup> FRANCISCO, 2013, p. 7; EG 2.

<sup>221</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 549; GS 10.

<sup>222</sup> ZAMULAK, 2015, p. 132.

Sobre esse processo individualista de fixar a vida sobre si mesmo, a psicoterapeuta austríaca Elisabeth Lukas, afirma que “O egocentrismo é um processo autocastigante. [...] A fixação egocêntrica em nossas próprias vantagens despoja-nos de força e confiança.”<sup>223</sup> Tudo isso porque o ser humano não tem poder sobre a sua vida. Quanto a isso, o salmista proclama: “O homem!...seus dias são como a relva: ele floresce como a flor do campo; roça-lhe um vento e já desaparece, e ninguém mais reconhece o seu lugar.”<sup>224</sup>

Se por um lado o ser humano percebe-se como limitado e pequeno, por outro, percebe-se muitas vezes autossuficiente, capaz de dominar sua própria vida.<sup>225</sup> Acerca dessa ambiguidade que experimenta o ser humano em seu interior, Paulo, na Carta aos Romanos, afirma: “Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto.”<sup>226</sup> É o dilema existencial que o ser humano experimenta.

Ainda no que tange à tensão vivenciada no coração do ser humano, pode-se dizer que

A preocupação exagerada com os interesses pessoais faz crescer a violência, as relações sociais se tornam mais tensas e complicadas. A lógica do *ter mais* atropela a solidariedade, a fraternidade e prejudica as relações afetivas.<sup>227</sup>

Há ainda uma tendência narcisista, que faz com que o ser humano, voltado para si mesmo, seja incapaz de perceber a realidade que está ao seu redor. Insensível às necessidades alheias, acaba sendo responsável pelo impedimento de uma sociedade mais justa e fraterna.<sup>228</sup> Desse modo, fica evidente que uma vida voltada para si mesmo impede o ser humano de alcançar uma satisfatória realização, fazendo, assim, com que as situações de sofrimento lhe causem uma angústia existencial sem sentido.

---

<sup>223</sup> LUKAS, Elisabeth. **Psicologia espiritual**: fontes de uma vida plena de sentido. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2002. p. 120.

<sup>224</sup> SI 103(102),15-16.

<sup>225</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 549; GS 10.

<sup>226</sup> Rm 7,15.

<sup>227</sup> ZAMULAK, 2015, p. 132, grifo da autora.

<sup>228</sup> LUKAS, 2002, p. 11.

### 3.1.3 O materialismo e o consumismo

Imerso em sofrimento existencial, inevitavelmente o ser humano busca preencher o vazio, que muitas vezes é suprido com o ter e o adquirir. Com o individualismo, percebem-se também outras características, como o materialismo e o consumismo. Para Zamulak, “O progresso e o desenvolvimento despertou no ser humano um desejo incontrolável de consumo. Comprar, adquirir coisas transformou-se em um círculo vicioso.”<sup>229</sup>

A sociedade atual sofre com o acúmulo de alguns, enquanto outros padecem necessidade. Para Neir Moreira e Adriano Holanda, “A sociedade contemporânea satisfaz praticamente a maioria das necessidades do homem e algumas delas são criadas principalmente pelo consumismo.”<sup>230</sup> O papa Francisco denuncia essa realidade:

O homem tornou-se ávido e voraz. Para muitos, o sentido da vida parece ser possuir, estar cheio de coisas. Uma ganância insaciável atravessa a história humana, chegando ao paradoxo de hoje, em que alguns se banqueteiam lautamente, enquanto muitos não têm pão para viver.<sup>231</sup>

Esse desequilíbrio gera tensão entre a humanidade, pois causa uma enorme desigualdade social. Em meio à correria do dia a dia, o ser humano buscar acumular e adquirir sempre mais. O desejo e a falsa necessidade do *ter*, iludem e afligem. Essa realidade torna o mundo sobrecarregado e a vida das pessoas um verdadeiro tumulto.<sup>232</sup>

O salmo 49 apresenta a situação e o destino do ser humano que confia em suas riquezas e se gloria em seus bens: “Eles confiam na sua

---

<sup>229</sup> ZAMULAK, 2015, p. 131.

<sup>230</sup> MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010. p. 346. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a08.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

<sup>231</sup> FRANCISCO. **Homilia na solene celebração da santa missa na noite do Natal do Senhor**. Vaticano, 24 dez. 2018. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco\\_20181224\\_omelia-natale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181224_omelia-natale.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

<sup>232</sup> ZAMULAK, 2015, p. 131.

fortuna e se gloriam de sua imensa riqueza. Mas o homem não pode comprar o seu resgate, nem pagar a Deus seu preço.”<sup>233</sup>

As situações são diversas, e os interrogativos profundos do ser humano são imensuráveis.

Alguns só do esforço humano esperam a verdadeira e plena libertação do gênero humano, e estão convencidos de que o futuro império do homem sobre a terra satisfará todas as aspirações do seu coração. E não faltam os que, desesperando de poder encontrar um *sentido para a vida*, louvam a coragem daqueles que, julgando a existência humana vazia de qualquer significado, se esforçam por lhe conferir, por si mesmos, todo o seu valor.<sup>234</sup>

Clodovis Boff, no primeiro volume de sua obra intitulada *O livro do sentido*, apresenta o ser humano contemporâneo com uma característica de mediocridade. Para o autor, atualmente o ser humano escolheu a finitude, renunciando a tudo aquilo que é perene, para permanecer somente com as realidades efêmeras. Uma vida assim, marcada pela finitude, só pode ser acompanhada pela falta de sentido.<sup>235</sup>

O ser humano preenche seus dias com muitas atividades, mas não consegue dar conta de preencher o vazio existencial que o habita pela falta do Transcendente. Para o cardeal Maradiaga,

Hoje fala-se muito em qualidade de vida, mas não parece que a globalização esteja favorecendo isso. Nunca haverá verdadeira qualidade de vida se essa busca for preenchida com coisas, excluindo a profundidade do ser pessoa: além disso, não se pode eliminar a dimensão espiritual, que é o elemento específico do ser humano.<sup>236</sup>

Para o papa Francisco, “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma *tristeza individualista*

---

<sup>233</sup> SI 49(48),7-8.

<sup>234</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 549-550; GS 10, grifo nosso.

<sup>235</sup> BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014. p. 478.

<sup>236</sup> MARADIAGA, 2015, p. 22.

que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais [...].<sup>237</sup> Desse modo, fica difícil para o ser humano prosseguir, pois encontra-se amarrado em seu próprio mundo que o dificulta a olhar mais além, para a realidade que está no seu entorno.

O cenário atual está inundado por seres humanos que estão repletos de opiniões. Porém, essas opiniões não se baseiam em valores sólidos. Sem algo maior, absoluto, fica difícil atribuir sentido para a vida. As ideias são muitas, mas passageiras, fracas de convicções. Sem perceber, o ser humano contemporâneo supervaloriza a dimensão racional e deixa de lado a dimensão espiritual, que o leva ao Transcendente.<sup>238</sup>

Ao vivenciar essa realidade, inundada por tais características que possuem tamanha força, o ser humano sofre e precisa aprender a lidar com esse sofrimento, a partir das situações com as quais se depara. Fruto dessa sociedade, muitas pessoas, com o passar do tempo, percebem sua vida como algo pesado, cansativo e sem sentido. Ao refletirem sobre sua existência, não encontram respostas para seus questionamentos mais profundos.<sup>239</sup>

Baruffi aponta para a necessidade de atribuir sentido existencial, mesmo em meio às adversidades da vida. Para ele,

O principal ponto situa-se na compreensão do sentido da vida. Uma vida excessivamente centrada em si mesmo, abarrotada pelo consumo, enquanto outros não têm esta possibilidade, produz pessoas sofredoras.<sup>240</sup>

Nesse sentido, o papa Francisco salienta que, “O caminho, ainda hoje, é difícil: é preciso superar os cumes do egoísmo, evitar escorregar nos precipícios da mundanidade e do consumismo.”<sup>241</sup> Viktor Frankl, psicólogo judeu, auxiliou nesse processo de busca de respostas para o sentido da existência humana. Ele procurou valorizar a dimensão espiritual como aliada no processo de integração humana e

---

<sup>237</sup> FRANCISCO, 2013, p. 7; EG 2, grifo nosso.

<sup>238</sup> BOFF, 2014, p. 479.

<sup>239</sup> GRÜN, Anselm. **Fontes da força interior**: evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Trad. Lorena K. Richter. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 112.

<sup>240</sup> BARUFFI, 2020, não paginado.

<sup>241</sup> FRANCISCO, 2018, não paginado.

ressignificação do sofrimento, atribuindo-lhe sentido para a existência, por meio da chamada logoterapia.<sup>242</sup>

### 3.2 EM BUSCA DE SENTIDO

Envolto nessa realidade, o ser humano anseia cada vez mais por encontrar algo que preencha o seu vazio existencial. Ele inevitavelmente preocupa-se com a questão do sentido de sua existência. Mas não se trata de mera preocupação racional. Trata-se, portanto, de uma preocupação existencial, dado que é algo que passa pelos sentidos da existência, podendo desencadear um processo de angústia. É uma preocupação especificamente humana.<sup>243</sup>

Perguntemo-nos: quando a pessoa tem o suficiente para ser feliz e não sofrer? O excesso de positividade, as exigências de poder render sempre, produzem uma carga de sofrimento e estresse. Por outro lado, temos os sofrimentos frutos de uma doença, que não pede licença e chega. Ele desinstala. Então, qual o centro da vida? Amar e sair de si para servir. Eis o centro da vida humana. Amar sempre e em todas as situações. Sair de si para servir, pois o amor se concretiza ao voltar-se para fora de si mesmo, para os outros, sobretudo a quem mais sofre.<sup>244</sup>

Sendo assim, fica evidente que para uma realização satisfatória, o ser humano precisa voltar-se para o seu interior, mas não de modo egoísta, ocupando a centralidade. É preciso estar voltado para o outro, numa atitude de serviço. O papa Francisco, em discurso aos médicos, enfermeiros e profissionais da saúde de Lombardia, no dia 20 de junho de 2020, destaca a importância do serviço na comunhão:

Deus criou-nos para a comunhão, para a fraternidade, e agora, mais do que nunca, demonstrou-se ilusória a pretensão de apostar

---

<sup>242</sup> GRÜN, 2007, p. 112.

<sup>243</sup> FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. Trad. Alípio M. de Castro. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003. p. 8.

<sup>244</sup> BARUFFI, 2020, não paginado.

tudo em nós mesmos – é ilusório! – para fazer do individualismo o princípio-guia da sociedade.<sup>245</sup>

Ainda, para Francisco a pandemia do COVID-19 prova como os seres humanos são vulneráveis e dependentes uns dos outros. É preciso uma preocupação mútua, a começar pelos mais necessitados, os que vivem em realidades críticas e não possuem acesso à saúde de qualidade. Esse cuidado deve acontecer de modo integral. Se não for assim, dificilmente poderá se obter a cura para o mundo.<sup>246</sup>

Diante dessa realidade, surgem algumas alternativas para atribuir sentido ao sofrimento: a logoterapia como ciência humana, mas também a espiritualidade cristã em sua amplitude. Ambas buscam fazer com que o ser humano apresente estratégias de enfrentamento satisfatórias, frente às situações adversas que a vida impõe.

### 3.2.1 A logoterapia

No século XX, com a figura de Viktor Frankl, procurando dar respostas ao sofrimento humano existencial, é desenvolvida a chamada logoterapia. Moreira e Holanda discorrem que

A Logoterapia é uma escola psicológica de caráter multifacetado – de cunho fenomenológico, existencial, humanista e teísta –, conhecida também como a *Psicoterapia do Sentido da Vida* ou, ainda, a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. A teoria de Viktor Emil Frankl (1905-1997) concebe uma visão de homem distinta das demais concepções psicológicas de seu tempo ao propor a compreensão da existência mediante fenômenos especificamente humanos e a identificação de sua *dimensão noética* ou espiritual, a qual, pela sua dinâmica própria, pode despertar a vivência da religiosidade.<sup>247</sup>

---

<sup>245</sup> FRANCISCO. **Discurso aos médicos, enfermeiros e profissionais da saúde de Lombardia**. Vaticano, 20 jun. 2020b. Não paginado. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/june/documents/pa-pa-francesco\\_20200620\\_operatorisanitari-lombardia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/june/documents/pa-pa-francesco_20200620_operatorisanitari-lombardia.html)>. Acesso em: 14 mar. 2021.

<sup>246</sup> FRANCISCO, 2020b, não paginado.

<sup>247</sup> MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 345, grifos dos autores.

Lukas, seguindo a linha da logoterapia, proposta por Viktor Frankl, afirma que o século passado foi marcado pelo aumento de casos de pessoas com problemas psíquicos. Isso se dá, sobretudo, pelo grande aumento da população que, proporcionalmente, inclinou-se para seres humanos com instabilidades psíquicas.<sup>248</sup> Surgem questionamentos acerca da razão desse desequilíbrio.

Na atualidade, até mesmo seres humanos que vivem em contextos que não sejam extremos, questionam-se sobre o sentido da vida. Isso lhes exige demasiado esforço, causando uma grande carga de estresse e desgaste emocional frente à falta de respostas. O tesouro interior, a fonte própria que há no mais íntimo de cada ser humano, se esgota.<sup>249</sup>

A respeito da questão existencial do ser humano no mundo, Alexandre Martins expõe:

O ser humano é um ser lançado num mundo hostil, isto é, o mundo é um lugar que não acolhe o ser com compaixão e misericórdia. O mundo recebe o ser humano e não se preocupa com ele, é somente mais um ente lançado na existência em um lugar nada amistoso, porém não é possível existir fora do mundo, portanto ser é *estar-no-mundo*. Tudo realizado pelo ser humano acontece no mundo, não há como fugir. A existência do ser humano é transcendência no *estar-no-mundo*. Existir é, essencialmente, transcendência. Desse modo, o ser humano, ao dar significado para o seu *habitat*, projeta-se nele e utiliza as coisas para transcender.<sup>250</sup>

É verdade que no século XX houve o aumento de casos no que se refere aos problemas psicológicos e existenciais do ser humano. Mas é verdade também que foi nesse contexto que surgiram, vigorosamente,

---

<sup>248</sup> LUKAS, 2002, p. 7.

<sup>249</sup> GRÜN, 2007, p. 112-113.

<sup>250</sup> MARTINS, Alexandre A. Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade. In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 99-107. p. cit. 100, grifos do autor.

recursos para lidar com tais problemáticas que exigem grande resiliência.<sup>251</sup>

A logoterapia, como ciência, torna-se uma aliada fundamental nesse processo de ajudar o ser humano a encontrar o seu lugar no mundo, já que “Algumas pessoas não enxergam o sentido de sua vida, por serem demasiadamente exigentes consigo mesmas. Sentem-se impotentes diante da atual condição do mundo e não sabem como interferir.”<sup>252</sup>

De modo singular, retoma-se a figura de Viktor Frankl, relatando o seu drama pessoal ao experimentar e sobreviver às situações limite durante o período da Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração e extermínio nazista.<sup>253</sup> Frankl afirma que,

No campo de concentração todas as circunstâncias conspiram para fazer o prisioneiro perder seu controle. Todos os objetivos comuns da vida estão desfeitos. A única coisa que sobrou é *a última liberdade humana* - a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias.<sup>254</sup>

Para Pessini, essa situação toca na essência do que é ser humano: “[...] usar a capacidade de transcender uma situação extremamente desumanizadora, manter a liberdade interior e, dessa maneira, não renunciar ao sentido da vida, apesar dos pesares.”<sup>255</sup> Frankl ressalta ainda: “O ser homem necessariamente implica uma ultrapassagem. Transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano.”<sup>256</sup> Isso explica porque o ser humano constantemente busca alcançar objetivos e metas em sua vida. É um constante aperfeiçoamento, superação. “É

---

<sup>251</sup> LUKAS, 2002, p. 7.

<sup>252</sup> GRÜN, 2007, p. 113.

<sup>253</sup> PESSINI, 2010, p. 73.

<sup>254</sup> FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração**. Trad. Walter O. Schlupp, Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 4, grifo do autor. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em\\_Busca\\_de\\_Sentido\\_-\\_Viktor\\_Frankl.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em_Busca_de_Sentido_-_Viktor_Frankl.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2021.

<sup>255</sup> PESSINI, 2010, p. 73.

<sup>256</sup> FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. Trad. Antônio E. Allgayer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 11.

justamente essa vontade de sentido que hoje se encontra amplamente frustrada. Cada vez mais o ser humano moderno é acometido de uma sensação de falta de sentido [...].<sup>257</sup>

A proposta de Frankl, por meio de sua psicoterapia, é atribuir sentido positivo para situações adversas. Já que “A logoterapia se caracteriza pela exploração da experiência imediata com base na motivação humana para a liberdade e para o encontro do sentido de vida.”<sup>258</sup> Esse encontro deve-se dar sempre no sentido de reorientação, uma vez que, na maioria das vezes, o paciente encontra-se desorientado.

Para Frankl, o ser humano não move suas energias somente em busca do prazer ou poder, mas seu interior mais profundo, em última instância, clama existencialmente pela necessidade do sentido.<sup>259</sup> Essa falta do sentido, gera inevitavelmente a chamada angústia existencial. Sendo assim, “[...] é exatamente em razão dessa vontade de sentido que o indivíduo se propõe a encontrar e realizar o sentido e, ainda, se move para o encontro com o outro na forma de tu, a quem possa amar.”<sup>260</sup>

A logoterapia possibilita ao ser humano o encontro com o sentido. O vazio existencial não acontece porque o ser humano precisa lidar com grandes tensões ou estresse, mas sim porque muitas vezes ele não coloca metas e objetivos para suas escolhas, que devem acontecer necessariamente na liberdade.<sup>261</sup> Quando isso ocorre, surge a falta de sentido, “[...] que geralmente vem acompanhada de uma sensação de *vazio interior* [...]”.<sup>262</sup>

O intuito da logoterapia deverá ser conduzir o ser humano à consciência da dimensão espiritual.<sup>263</sup> Essa dimensão bem desenvolvida favorecerá o ser humano a encontrar sentido e realizar-se, mesmo em meio ao sofrimento. Frankl afirma: “No que tange à autorrealização, permito-me sustentar que o ser humano é capaz de levá-la a bom termo somente na medida em que ela é conseqüência de sentido.”<sup>264</sup>

---

<sup>257</sup> FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp, Helga H. Reinhold. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 100.

<sup>258</sup> MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 345.

<sup>259</sup> FRANKL, 2018, p. 12.

<sup>260</sup> FRANKL, 2018, p. 12.

<sup>261</sup> MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 346.

<sup>262</sup> FRANKL, 2017, p. 100, grifo do autor.

<sup>263</sup> MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 346.

<sup>264</sup> FRANKL, 2018, p. 13.

Esse sentido a ser encontrado é o que faz transcender o sofrimento, pois o ser humano, quando atinge esse nível de consciência, não fica mais fixado nele. O próprio Frankl afirma a existência de uma dimensão superior, ao questionar:

Ora, não teremos nós que admitir que, acima do mundo humano, existe por sua vez um outro mundo, inacessível ao homem, e cujo sentido, cujo *supra*-sentido seja o único capaz de dar sentido aos seus sofrimentos?<sup>265</sup>

Nessa perspectiva, entende-se que todo o sofrimento pode ser reorientado para uma forma de realização plena de sentido.<sup>266</sup> Não há situações na vida, nenhuma sequer, por mais negativa que seja, que esteja totalmente desprovida de sentido. Mesmo em meio à aparente tragédia que se apresenta por situações de morte, de culpa e de dor, haverá sempre a possibilidade de convertê-las em positivamente, atribuindo-lhes sentido, desde que sejam enfrentadas de modo adequado.<sup>267</sup>

Portanto, é preciso reconhecer que a espiritualidade torna-se fundamental para auxiliar no processo de enfrentamento das situações adversas e da ressignificação humana. A realidade atual toca o ser humano no mais profundo, e, em meio a tudo isso, cresce a procura por refúgio e conforto espiritual. É a busca do caminho espiritual que este trabalho se propõe a apresentar a seguir.

### 3.2.2 A espiritualidade cristã

O caminho da busca do sentido passa pela interioridade humana. James Hillman destaca que “Na busca de sua alma e do sentido de sua vida o homem descobre novos caminhos que o levam para sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência.”<sup>268</sup> Permeando os caminhos obscuros do seu interior, o ser humano vai descobrindo áreas até então desconhecidas, e, a partir desse novo conhecimento, é elevado para um nível superior.

---

<sup>265</sup> FRANKL, 2003, p. 64, grifo do autor.

<sup>266</sup> FRANKL, 2017, p. 103.

<sup>267</sup> FRANKL, 2003, p. 323.

<sup>268</sup> HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. Trad. Aracéli M. Elman. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 5.

Para Leo Pessini, autor de renomadas obras sobre bioética e Pastoral da Saúde, “Existe um significado de espiritualidade com um sentido mais antropológico que religioso, que se liga à reflexão sobre o sentido da vida.”<sup>269</sup> Ou seja, a espiritualidade não pode ser entendida como meramente ligada à religião, mas como algo que faz parte do ser humano, de sua essência.

Pessini prossegue afirmando: “Esta visão de espiritualidade é entendida como a capacidade que o ser humano possui de dialogar com o seu *eu profundo* e entrar em harmonia com os apelos que vêm de sua interioridade.”<sup>270</sup> Quando tal capacidade encontra-se em desajuste, ou desconstruída, cresce a probabilidade de o ser humano enfrentar situações de estresse, com dificuldade de adaptação e grande sofrimento.

Para tornar possível o enfrentamento do sofrimento, percebe-se que as ciências humanas possuem ferramentas, como a psicologia e a logoterapia, que auxiliam nesse processo. Porém, a espiritualidade cristã apresenta-se como proposta para ajudar o ser humano a encontrar-se no mundo, dando sentido para sua existência. Frei Neylor Tonin afirma que, “Tanto quanto a Psicologia, também a Espiritualidade, como ciência e florescimento da vida, pensa no ser humano como destinatário privilegiado e possível casa da felicidade.”<sup>271</sup>

A ideia principal da espiritualidade é fazer com que o ser humano volte-se para sua interioridade. Quando isso acontece, certamente ele depara-se com situações difíceis vivenciadas desde a infância. A intenção é focar no centro, chamado alma, que sempre tenderá a unificar, fazendo com que haja uma restauração das fragmentações experimentadas ao longo da vida.<sup>272</sup>

Ao analisar por esse prisma, fica perceptível que nesse processo

[...] não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e, depois, o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.<sup>273</sup>

---

<sup>269</sup> PESSINI, 2010, p. 110.

<sup>270</sup> PESSINI, 2010, p. 110, grifo nosso.

<sup>271</sup> TONIN, Neylor J. **Vida mais Vida**: Psicologia e Espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 49.

<sup>272</sup> HILLMAN, 1984, p. 5.

<sup>273</sup> HILLMAN, 1984, p. 5.

Sendo assim, psicologia e espiritualidade podem e devem caminhar de mãos dadas. Já que “A verdadeira Espiritualidade, assim como a boa Psicologia, tem, no fundo, um discurso que aponta para o paraíso perdido e apresenta propostas e caminhos de felicidade.”<sup>274</sup> Se tanto a psicologia quanto a espiritualidade são ferramentas que auxiliam no fortalecimento das estratégias de enfrentamento do sofrimento, muito mais eficazes podem ser, quando aliadas nesse processo.

Para a espiritualidade cristã, o modelo a ser seguido é Jesus Cristo. Sua vida que teve culminância na morte de cruz.<sup>275</sup> “Se, em Jesus, a vida espiritual conheceu sua mais excelente expressão, não deixou, igualmente, de brilhar em grandes e conhecidos homens ou mulheres que criaram escolas de espiritualidade [...]”<sup>276</sup>

Mas além dos inúmeros homens e mulheres que criaram tais vertentes, a partir de um carisma próprio, o exemplo por excelência, sempre será o de Jesus. “Para os cristãos, a fonte, o caminho e vida, o critério e o alimento da espiritualidade são o Cristo da ressurreição e a história de Jesus.”<sup>277</sup> Não se pode falar de espiritualidade cristã, sem levar em conta os ensinamentos de Jesus Cristo, sua vida e seu exemplo.

Tonin sintetiza a espiritualidade cristã da seguinte forma:

Quem segue esta espiritualidade deveria ser uma expressão intensa de Cristo, ecoando seus sentimentos e caráter. Ele é a cor da paixão dos cristãos pela vida, pelos pobres, doentes e pecadores, pelos perdidos e marginalizados, pelos que não têm pai e mãe, pelos que vivem separados pelos muros das mais várias segregações. A cor de Cristo é a da misericórdia e do perdão, da compaixão e da ternura, da consagração a Deus e da ousadia da santidade. É também a cor que abraça a ovelhinha transviada, a cor da beleza arrependida da pecadora pública, a cor da simplicidade cativante da vida, a cor da graça de ter irmãos, a cor da alegria de comer, de pescar e de viver. *Tudo isso, somado à sua determinação*

---

<sup>274</sup> TONIN, 2002, p. 50.

<sup>275</sup> Fl 2,8.

<sup>276</sup> TONIN, 2002, p. 49.

<sup>277</sup> TONIN, 2002, p. 54.

*pelo Reino de Deus, é a cor da verdadeira espiritualidade cristã.*<sup>278</sup>

Essa é a síntese de uma autêntica espiritualidade. Esses critérios são imprescindíveis para um cristão. E neles percebe-se como as ações de Cristo estão marcadas por este abraço da realidade humana em toda sua amplitude. Ele abraça preferencialmente o sofrimento humano e o assume. É assim que todo cristão, assemelhando-se a ele, é portador de uma cruz própria, que precisa ser carregada ao longo da vida.<sup>279</sup>

As cruzes são as mais diversas, e muitas pessoas não conseguem ressignificar o sofrimento que lhes é imposto pelo seu demasiado peso. Acerca disso, Lukas destaca que

Especialmente pessoas que têm de carregar uma pesada cruz necessitam de reflexão e reenraigamento no fundo do ser que transcende o meramente físico. Não precisam estar psicologicamente doentes a ponto de se impor uma indicação médica de tratamento psicoterapêutico. Muitas vezes a cruz a carregar é um membro da família, que padece de enfermidade crônica ou de outra forma torna pesada a vida dos familiares, as preocupações dos pais, desavenças entre cônjuges e conflitos entre pessoas da parentela.<sup>280</sup>

Ao carregar a cruz, o sofrimento surge por consequência. Há então duas possibilidades: aceitá-la e ressignificá-la com amor; ou negá-la, transformando-a em dor. Quando o ser humano se depara com essa situação e está imerso numa situação de sofrimento, é inevitável que ele se perceba longe de qualquer refúgio. Encontra-se despido de tudo, despojado de si mesmo, assim como esteve Jesus na cruz. Não há segurança, e percebe-se uma situação de radical indigência e grande dependência.<sup>281</sup>

---

<sup>278</sup> TONIN, 2002, p. 55, grifo nosso.

<sup>279</sup> Mt 16,24.

<sup>280</sup> LUKAS, 2002, p. 9.

<sup>281</sup> SELLI, Lucilda. Dor e sofrimento na tessitura da vida. In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 119-124. p. cit. 121.

Em alguns casos, “Ainda mais pesada é a cruz de quem se encontra numa situação que só dificilmente ou de forma alguma pode ser alterada.”<sup>282</sup> Tais experiências fogem da compreensão de quem não está mergulhado em tal realidade. É por isso que, “[...] diante de uma pessoa que sofre, a atitude mais adequada é a de silêncio e de solidariedade. O silêncio evoca comunhão e engajamento de um humano com um outro humano que sofre.”<sup>283</sup>

O caminho espiritual faz com que a pessoa encontre sentido e tenha força para enfrentar as situações difíceis que se apresentam. Isso porque, “Em última instância, o objetivo de todos os métodos e caminhos espirituais é nos aproximar dessa fonte interior.”<sup>284</sup> Dessa forma, não há situação que seja tão obscura a ponto de não haver saída. É preciso resiliência.

Desse modo, pode-se dizer que o sofrimento possui uma característica peculiar. É a partir dele que se dá um passo na busca de sentido. Frente ao sofrimento, o ser humano, inevitavelmente experimenta que é capaz de resistir, de tomar o controle de sua vida diante de situações extremas. Isso o faz avaliar e decidir por novos rumos para sua vida, a partir de superações que acabam tornando valorativo o sofrimento experimentado.<sup>285</sup>

Essa é a capacidade que faz com que o ser humano tenha recursos para voltar à sua essência, ou seja, sua forma original, antes de ser submetida às situações adversas da vida. A espiritualidade cristã faz com que essa capacidade se evidencie. Mas esse caminho requer esforço e constância. Não basta desejar essa capacidade em meio às situações limite. É preciso, antes de tudo, ter cultivado esse caminho interior, para então, quando o sofrimento se impuser, utilizar-se das ferramentas já disponíveis.

Acerca disso, Grün afirma:

Após meditarmos durante meia hora, sentimo-nos mais fortalecidos e vivos. Não se trata, porém, apenas dos caminhos que percorremos, e, sim, também daqueles nos quais Deus nos acompanha. O fato de experimentarmos Deus na natureza ou durante a oração não é fruto de nosso esforço

---

<sup>282</sup> LUKAS, 2002, p. 11.

<sup>283</sup> SELLI, 2008, p. 122.

<sup>284</sup> GRÜN, 2007, p. 119.

<sup>285</sup> SELLI, 2008, p. 122.

peçoal. É sempre um presente da graça divina. Deste modo, a graça e a experiência de Deus constituem uma fonte importante que fertiliza e vivifica a nossa vida.<sup>286</sup>

Para Tonin, “Quando alguém, conscientemente, se entrega ao itinerário do crescimento espiritual, mudam-se seus horizontes e aprofundam-se seus compromissos com o que lhe é superior.”<sup>287</sup> A meditação, sem dúvida, é uma fonte privilegiada que auxilia na busca da fonte interior. É preciso parar, refletir, meditar. Só assim será possível voltar-se para aquele centro mais íntimo em que se desvela a realidade humana mais profunda.<sup>288</sup>

Sobre a prática da meditação, Roque Marcos Savioli – médico cardiologista e escritor, apresenta que ela “[...] tem sido usada na prática médica há muitos anos, para reduzir a ansiedade.”<sup>289</sup> Ainda referindo-se aos benefícios dessa prática, que também é utilizada pela espiritualidade cristã, estudos científicos comprovam que “[...] indivíduos submetidos à meditação frequente mostram níveis de pressão arterial, níveis de cortisol e de frequência cardíaca diminuídos.”<sup>290</sup>

Sendo assim, percebe-se que um bom e adequado itinerário espiritual torna-se fundamental para que o ser humano possa viver com mais saúde. Inclusive existem fatores que comprovam que há melhora na qualidade de vida, quando o envolvimento religioso está relacionado com o estado de saúde. Alguns ritos, juntamente com a crença que os envolvem, possibilitam a redução do nível de estresse, em comparação às pessoas que não desenvolvem um cultivo espiritual.<sup>291</sup>

Quando se toma o tema da espiritualidade, muitas vezes busca-se situá-la em algum ponto específico do corpo humano. Portanto, essa espiritualidade da qual especifica-se, engloba o ser humano em sua totalidade e não somente determinada parte.<sup>292</sup> Por isso, se pode dizer

---

<sup>286</sup> GRÜN, 2007, p. 119.

<sup>287</sup> TONIN, 2002, p. 50.

<sup>288</sup> GRÜN, 2007, p. 123.

<sup>289</sup> SAVIOLI, Roque M. Oração e Cura. Fato ou Fantasia? In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 125-141. p. cit. 131.

<sup>290</sup> SAVIOLI, 2008, p. 131.

<sup>291</sup> SAVIOLI, 2008, p. 126.

<sup>292</sup> TONIN, 2002, p. 52.

que a espiritualidade bem desenvolvida chega a cooperar até mesmo para uma boa saúde física.

Acerca disso, Savioli destaca que “Um grande número de pesquisas tem demonstrado a associação dos efeitos negativos do estresse sobre o estado de saúde [...]”<sup>293</sup> A espiritualidade, por contribuir com o equilíbrio no estado de saúde, reduz o nível de estresse e fornece ferramentas positivas no enfrentamento de situações difíceis.

O autor ainda destaca:

A capacidade de resposta aos fatores estressores, por sua vez, bem como a adaptação, ou mesmo o *amortecimento* do estresse crônico, está relacionada a características próprias da personalidade dos indivíduos, que, consciente ou inconscientemente, encontram seus mecanismos de antiestresse.<sup>294</sup>

É nesse sentido que se pode afirmar que “A força espiritual de uma pessoa se mede pelo grau de intensidade com que faz algo ou como vive os ideais e suas relações.”<sup>295</sup> Uma vez que “O envolvimento religioso ou espiritual é uma das grandes forças que atuam no mecanismo de defesa contra o estresse crônico [...] e também no aumento da expectativa de vida.”<sup>296</sup>

Desse modo, vale ressaltar que a vida, em toda sua plenitude, sempre será o ponto de partida para a espiritualidade.<sup>297</sup> Onde houver vida, certamente haverá esperança de recomeço, resiliência e reconciliação, mesmo quando tudo parecer perdido. “Muito lentamente, vamos nos fazendo mais espirituais e cristãos, na medida em que vamos nos tornando mais plenamente humanos à luz de Cristo e em seu seguimento.”<sup>298</sup>

A espiritualidade pode e deve auxiliar o ser humano a libertar-se de suas amarras que o impedem de caminhar. Só assim a vida humana poderá encontrar sentido, pois o ser humano poderá ir ao encontro da

---

<sup>293</sup> SAVIOLI, 2008, p. 127.

<sup>294</sup> SAVIOLI, 2008, p. 127, grifo do autor.

<sup>295</sup> TONIN, 2002, p. 52.

<sup>296</sup> SAVIOLI, 2008, p. 127.

<sup>297</sup> TONIN, 2002, p. 53.

<sup>298</sup> TONIN, 2002, p. 55.

sua verdadeira essência e alcançar a perfeição, na medida e estatura do homem perfeito: Jesus Cristo.<sup>299</sup>

Não obstante, pode-se admitir que se está longe disso, mas a história concreta, por meio de homens e mulheres que deixaram conduzir-se por tal via, comprovam que, mesmo com o sofrimento, é possível encarar a vida com coragem e sabedoria, atribuindo sentido para a existência.

### 3.2.3 Perspectivas pastorais

Cabe o questionamento acerca do que está sendo feito e do que pode ser feito, a partir de toda essa realidade apresentada. Quais perspectivas pastorais, de fato, estão sendo apresentadas nos contextos eclesiais? Quais os meios utilizados para atingir a finalidade de auxiliar tantos homens e mulheres, que, sobretudo, no contexto atual, tanto sofrem em busca de sentido?

Essas e outras questões surgem, inevitavelmente, para os agentes de pastoral que atuam direta e indiretamente nas comunidades eclesiais. O que os pastores de almas, as lideranças de pastorais e movimentos estão proporcionando para os fiéis, a fim de dirimir as dores e angústias? A partir do que foi apresentado, conclui-se que ferramentas para isso não faltam, a começar com a disponibilidade dos pastores ou pessoas devidamente preparadas para atendimento nas secretarias paroquiais.

De fato, a presença e a escuta se tornam fundamentais nesse processo. A acolhida se faz mais necessária do que nunca. O papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem insistido por uma Igreja em saída. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que é considerada por alguns teólogos, a carta-guia do seu pontificado, ele salienta sobre essa necessidade: “A Igreja *em saída* é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido.”<sup>300</sup>

Trata-se, portanto, de uma mudança de perspectiva, com a finalidade de atingir as pessoas de modo menos superficial e mais profundo, em que as verdadeiras necessidades precisam ser colocadas em evidência. Para isso acontecer, é preciso “[...] diminuir o ritmo,

---

<sup>299</sup> Ef 4,13.

<sup>300</sup> FRANCISCO, 2013, p. 33; EG 46, grifo do autor.

deixar de lado a ansiedade, para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho.”<sup>301</sup>

Para que isso seja colocado em prática, faz-se necessário ações concretas, que possibilitem alcançar tantas pessoas que sofrem, e não possuem base sólida para se apoiar e reorientar o sentido de sua vida. A partir desse prisma, no contexto atual, de pandemia, a Arquidiocese de Curitiba, por exemplo, lançou um serviço chamado *Escuta Solidária*, com a finalidade de ouvir e acolher, pelo telefone, pessoas que se sentem sozinhas ou abaladas emocionalmente, devido ao impacto causado pelo isolamento social em combate ao COVID-19.<sup>302</sup>

O serviço conta com uma equipe estruturada para um atendimento de qualidade: “Para esta escuta, a Arquidiocese instalou uma central de atendimento, que funcionará [...], todos os dias, contando hoje com 65 voluntários se revezando, neste período de 16 horas de atendimento.”<sup>303</sup> Esse é um exemplo claro de uma atitude concreta de um modelo eclesial que se preocupa com as pessoas, indo a seu encontro por meio de portas abertas de acolhida.

Este projeto está em consonância com o desejo do papa Francisco que salienta que a Igreja, “[...] é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade.”<sup>304</sup> Tal postura que a Igreja deve adotar, não é exclusiva para pessoas que se desviaram do caminho, mas também para aquelas que estão tão feridas e machucadas, a ponto de não terem forças para reconduzirem-se de volta.

Por isso, a postura de acolhimento, sem julgamentos, preconceitos e discriminação, é fundamental. No projeto lançado pela Arquidiocese de Curitiba, todos podem ser ouvidos, independentemente da idade, religião ou crenças religiosas. O objetivo não é realizar uma ficha de acompanhamento, mas simplesmente ouvir, acolher e transmitir mensagem de esperança e de paz.<sup>305</sup>

Pode-se perceber que são gestos simples, mas que tocam, de fato, na realidade das pessoas. Muitas vezes são preparados grandes projetos,

---

<sup>301</sup> FRANCISCO, 2013, p. 33; EG 46.

<sup>302</sup> ESCUTA SOLIDÁRIA. Precisa conversar? Nós estamos aqui. **Arquidiocese de Curitiba**: portal eletrônico, Curitiba, [2020]. Não paginado. Disponível em: <<http://arquidiocesedecuritiba.org.br/escutasolidaria/>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

<sup>303</sup> ESCUTA SOLIDÁRIA, [2020], não paginado.

<sup>304</sup> FRANCISCO, 2013, p. 33; EG 46.

<sup>305</sup> ESCUTA SOLIDÁRIA, [2020], não paginado.

que nunca saem do papel, devido sua complexidade de aplicação, o que acaba fazendo com que o trabalho pastoral seja inútil e estéril. Já ações simples, como o projeto apresentado, surtem rapidamente efeito positivo, atingindo sua finalidade.

A Arquidiocese de Porto Alegre, com o mesmo intuito da escuta solidária, lançou o serviço *TelePaz*. Conta com cerca de 50 voluntários entre religiosos e leigos, que estão dispostos a receber chamadas telefônicas de pessoas que se encontram em alguma dificuldade e desejam realizar uma oração em conjunto.<sup>306</sup>

O intuito desse serviço não é realizar um tratamento psicológico ou espiritual especializado, mas colocar-se numa postura de acolhida para os que não têm com quem desabafar suas angústias – pessoas que não têm quem as ouça. Conforme o rumo da conversa, se for do desejo de quem realiza a ligação, pode ser realizada uma prece em favor de suas necessidades, buscando alívio e conforto para a situação difícil à qual se está enfrentando.<sup>307</sup>

Sendo assim, fica evidente que já está sendo feito algo, com o intuito de dirimir o sofrimento e auxiliar as pessoas que se encontram em situações difíceis. Contudo, vale ressaltar que além dessas duas iniciativas destacadas, inúmeros outros projetos e serviços estão sendo desenvolvidos nessa perspectiva de abordagem pastoral. Mas muito ainda pode e precisa ser realizado.

Para o papa Francisco, essa é uma verdade radical: “[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.”<sup>308</sup> De fato, é preciso ir ao encontro do próximo, sobretudo, dos mais necessitados, padecentes de ajuda. E a ajuda, na atualidade, manifesta-se não só materialmente, mas de modo singular, a partir da espiritualidade da presença.

---

<sup>306</sup> IGREJA Católica lança serviço telefônico para escuta e oração. **AU Online:** portal de comunicação, Erechim, 16 maio 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.auonline.com.br/2020/05/63529.html>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

<sup>307</sup> IGREJA Católica lança serviço telefônico para escuta e oração, 2020, não paginado.

<sup>308</sup> FRANCISCO, 2013, p. 34; EG 49.



## CONCLUSÃO

Este trabalho consistiu em apresentar reflexões acerca da ressignificação do sofrimento humano e da busca de sentido. Para isso, dentre diversas possibilidades, foram selecionadas duas vertentes como propostas de reflexão: a logoterapia e a espiritualidade cristã. Realizou-se uma vasta revisão de literatura específica nessa área. Buscou-se apresentar respostas, à luz das sagradas escrituras, do Magistério da Igreja, do posicionamento de teólogos e das ciências humanas e suas contribuições.

Primeiramente, foi apresentado o sofrimento humano a partir de uma perspectiva bíblica. Para isso, escolheu-se dois personagens, que carregam traços sapienciais fundamentais para o entendimento do fenômeno do sofrimento e sua ressignificação. Foram Jó, como figura do Antigo Testamento; e Maria, como transição entre Antigo e Novo Testamento.

O intuito desse capítulo foi apresentar como o ser humano, carrega marcas profundas que o fazem enfrentar adversidades. Embora haja diversos outros personagens bíblicos que poderiam ser citados, optou-se por situar apenas esses dois, a fim de delimitar o trabalho e apresentá-los de modo amplo e detalhado, sem correr o risco de apresentar uma versão superficial.

Portanto, conclui-se que Jó é uma figura carregada de características sapienciais. Sua história revela que ele experimentou a crise no modo mais profundo de sua existência. Além de perder todos os seus bens materiais, os membros familiares e ser atingido na própria carne, sofreu ainda a incompreensão por parte de seus amigos, que procuravam encontrar um pecado que pudesse justificar tamanho sofrimento.

Mas Jó permaneceu firme. Embora no decorrer do livro, percebe-se que ele tenha se revoltado em alguns momentos, o desfecho de sua história revela que ele não foi abandonado em sua adversidade. Atualmente, se olha para a história de Jó e se diz que ele suportou tudo com firmeza, até porque se sabe que o fim de sua trajetória foi vitoriosa. Viveu a vida, confiando que não seria abandonado, pois, para Deus é possível reverter qualquer situação, por mais impossível que ela se apresente.

Em seguida, ao analisar a figura bíblica de Maria, conclui-se que ela foi uma mulher que viveu de modo pleno sua vida, repleta de sabedoria, integrando o sofrimento que experimentou como forma de obediência com liberdade interior. Ela é modelo de esperança, pois,

sendo experimentada no sofrimento de uma vida de entrega total, mostra que é possível experimentar o sofrimento sem desespero, com atitudes de coragem.

Maria teve como missão auxiliar seu filho Jesus Cristo a carregar a sua cruz. Mas ela não carregou a cruz por ele. Sendo portadora de uma cruz própria, que é inerente a cada ser humano, ela ajuda a compreender que é preciso deixar que cada um carregue sua cruz, como fonte de crescimento. Ela mostra também que é preciso passar pelos momentos de sofrimento, pois sem a cruz não há salvação, uma vez que a salvação passa pela cruz.

A partir do segundo capítulo, pode-se concluir que Jesus Cristo é o modelo para todo ser humano. Sendo ele o homem perfeito, ensina uma lição de como encarar o sofrimento dando-lhe sentido, sem jamais duvidar que, para toda dificuldade apresentada, há um propósito superior. Destarte, pode-se concluir também, que Jesus experimentou em sua vida terrena a complexidade do sofrimento humano, que se apresenta de diversas faces.

Por meio de seu sofrimento vicário, ele realizou a redenção do gênero humano. Por isso, pode-se dizer que para todo o sofrimento há um sentido, pois Jesus o abraçou ressignificando-o, e garantindo aos seres humanos, o acesso à vida eterna. Jesus plenifica com seu amor toda a forma de sofrimento. Quando o ser humano associa seu sofrimento ao de Jesus, consegue atribuir-lhe um sentido, pois se sente amparado em suas necessidades.

Não só o sofrimento de Jesus garantiu aos seres humanos a salvação, mas sua paixão, morte e ressurreição, dando luz à compreensão dessa experiência humana. Por isso, o mistério pascal de Jesus Cristo, deve ser entendido, em sua totalidade, no que tange ao aspecto redentor. O sofrimento sem amor fica vazio e sem sentido. Jesus sofreu amando, e é por isso que, sua ressurreição gloriosa garante a promessa de uma vida futura na eternidade. Pode-se concluir que, em Jesus há sentido para o sofrimento humano. Essa deve ser a mensagem cristã anunciada.

Depois de percorrer as sagradas escrituras, no terceiro capítulo foram apresentadas duas propostas que podem auxiliar no processo de ressignificação do sofrimento e na busca de sentido. Primeiramente foi realizada uma contextualização do ser humano contemporâneo e de algumas possíveis causas que o levam a enfrentar tantas situações difíceis na atualidade.

A logoterapia, proposta do Viktor Frankl, e fortemente difundida a partir do século XX, proporciona ao ser humano, um prisma

diferenciado frente ao fenômeno do sofrimento. Também se conclui que a espiritualidade cristã, se torna um caminho seguro na ressignificação do sofrimento, atingindo uma integração humana adequada e o encontro para o sentido existencial.

Vale ressaltar que, além do que foi exposto, existem outras alternativas que servem como aliadas no que tange ao fenômeno do sofrimento e na forma de encará-lo. Optou-se em apresentar essas duas, aliando o conhecimento científico, por meio da logoterapia, e da espiritualidade cristã, a partir de todo o aporte teórico que dá consistência, para que se possa comprovar que é possível encarar e ressignificar o sofrimento que é inevitável para a condição humana.

A partir dos resultados desse trabalho, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas que envolvam a temática do sofrimento humano, sua ressignificação e uma consequente busca de sentido existencial. Essa necessidade se dá pela relevância pastoral do tema, que faz com que surja o questionamento, se de fato estão sendo dado passos em direção a real necessidade das pessoas, que procuram ajuda e muitas vezes não sabem onde encontrá-la.

Afirma o poeta brasileiro, Augusto Branco, em seu poema chamado *Guerreiros*, “Olhai o mundo de injustiças e sofrimento ao redor. Talvez você já nem consiga fazer isso, ante a própria dor que sente. Todo mundo sofre. E alguns sofrem insuportavelmente, [...]”<sup>309</sup> A alegria consiste em saber que ninguém precisa sofrer inutilmente. Pode-se sofrer sem amor, mas é impossível amar sem sofrer. Que a vida humana, se não pode estar livre da dor, possa então acolhê-lo com amor.

---

<sup>309</sup> BRANCO, Augusto. *Guerreiros*. In: PENSADOR: frases e pensamentos. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTIxNTA5/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.



## REFERÊNCIAS

BARUFFI, Adelar. **Deus e o sofrimento humano**. Brasília: CNBB, 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/deus-e-o-sofrimento-humano/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

BENTO XVI. **Homilia no 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II e solenidade da Imaculada Conceição**. Vaticano, 8 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20051208\\_anniv-vat-council.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html)>. Acesso em: 19 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Saudação do papa Bento XVI: Via Crucis no Coliseu**. Palatino, 21 mar. 2008. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080321\\_via-crucis-colosseo.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080321_via-crucis-colosseo.html)>. Acesso em: 24 maio 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. **Introdução à mariologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mariologia social**: o significado da virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **O livro do sentido**: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014.

BRANCO, Augusto. Guerreiros. In: PENSADOR: frases e pensamentos. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTIxNTA5/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BRUSTOLIN, Leomar A. **Eis a tua mãe**: síntese de mariologia. São Paulo: Paulinas, 2017.

CERESKO, Anthony R. **A sabedoria no Antigo Testamento**: espiritualidade libertadora. Trad. Adail U. Sobral, Maria S. Gonçalves. São Paulo: Paulus. 2004.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-661.

DUQUOC, Christian. **Cristologia. Ensaio dogmático II: o Messias**. Trad. Atico Fassini. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

ESCUA SOLIDÁRIA. Precisa conversar? Nós estamos aqui. **Arquidiocese de Curitiba**: portal eletrônico, Curitiba, [2020]. Disponível em: <<http://arquidiocesedecuritiba.org.br/escutasolidaria/>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: ensaio de uma cristologia como história. Trad. Luiz J. Gaio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Maria, a mulher ícone do mistério**: ensaio de mariologia simbólico-narrativa. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO. **Discurso aos médicos, enfermeiros e profissionais da saúde de Lombardia**. Vaticano, 20 jun. 2020b. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/june/documents/papa-francesco\\_20200620\\_operatorisanitari-lombardia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/june/documents/papa-francesco_20200620_operatorisanitari-lombardia.html)>. Acesso em: 14 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solene celebração da santa missa na noite do Natal do Senhor**. Vaticano, 24 dez. 2018. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco\\_20181224\\_omelia-natale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181224_omelia-natale.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus.**

Vaticano, 1 jan. 2020a. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200101\\_omelia-madredidio-pace.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200101_omelia-madredidio-pace.html)>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para o XXIII dia mundial do doente 2015.**

Vaticano, 3 dez. 2014. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco\\_20141203\\_giornata-malato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html)>. Acesso em: 9 out. 2020.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** Trad. Walter O. Schlupp, Helga H. Reinhold. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Em Busca de Sentido:** Um Psicólogo no Campo de Concentração. Trad. Walter O. Schlupp, Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987. Disponível em:

<[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em\\_Busca\\_de\\_Sentido\\_-\\_Viktor\\_Frankl.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em_Busca_de_Sentido_-_Viktor_Frankl.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida:** fundamentos da logoterapia e análise existencial. Trad. Alípio M. de Castro. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia para todos:** uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Trad. Antônio E. Allgayer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

GREGÓRIO MAGNO. *Moralia* sobre Jó. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas segundo o Rito Romano:** Tempo Comum - 1a a 17a semana. Rio de Janeiro: Vozes et al. 1995. v. III. p. 233-235.

GRENZER, Mathias. **O projeto do êxodo.** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRÜN, Anselm. **Fontes da força interior:** evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Trad. Lorena K. Richter. Petrópolis: Vozes, 2007.

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião.**

Trad. Aracéli M. Elman. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

IGREJA Católica lança serviço telefônico para escuta e oração. **AU Online:** portal de comunicação, Erechim, 16 maio 2020. Disponível em: <<https://www.auonline.com.br/2020/05/63529.html>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

INTRODUÇÃO a Jó. In: **BÍBLIA** de Jerusalém. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. p. 800-802.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Salvici Doloris*.** Vaticano: 1984. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html)>. Acesso em: 21 out. 2020.

LÓPEZ, Felix G. **O Pentateuco:** introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. Trad. Alceu L. Orso. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2014.

LORENZIN, Tiziano. **Livros Sapienciais e Poéticos.** Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020.

LUKAS, Elisabeth. **Psicologia espiritual:** fontes de uma vida plena de sentido. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2002.

MARADIAGA, Óscar. **Sem ética não há desenvolvimento.** Trad. Carlo A. Dastoli. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARTINS, Alexandre A. Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade. In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida:** bioética, saúde e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 99-107.

McKENZIE, John. **Dicionário Bíblico.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado:** A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad. Juliano B. de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2014.

\_\_\_\_\_. **Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?** Trad. Ênio P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a08.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas: para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

MURAD, Afonso. **Maria: toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

PAGOLA, José A. **Jesus: aproximação histórica**. Trad. Gentil A. Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAREDES, José C. R. G. **A verdadeira história de Maria**. 6. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

\_\_\_\_\_. **Maria a Mulher do Reino de Deus**. Trad. Atílio Cancian. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1984.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam***. Vaticano: 1964. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html)>. Acesso em: 20 out. 2020.

PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite. **O mistério de Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1968.

PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar: o sentido da fé para a saúde**. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **O mistério do Cristo crucificado e glorificado**. São Paulo: Paulinas, 1970.

PUIG, Armand. **Jesus: uma biografia**. Trad. Lara A. Dias. São Paulo: Paulus, 2020.

SAVIOLI, Roque M. Oração e Cura. Fato ou Fantasia? In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida**: bioética, saúde e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 125-141.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Maria, Mãe da Redenção**: Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Trad. Clarêncio Neotti. Petrópolis: Vozes, 1966.

SELLI, Lucilda. Dor e sofrimento na tessitura da vida. In: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. de (Orgs.). **Buscar sentido e plenitude de vida**: bioética, saúde e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 119-124.

STRADA, Angel L. **Maria**: um exemplo de mulher. Trad. Atílio Cancian. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

TERRIEN, Samuel. **Jó**. Trad. Bênoni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994.

TONIN, Neylor J. **Vida mais Vida**: Psicologia e Espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZAMULAK, Juliana. Autotranscendência: caminho para superação do individualismo. **Logos & Existência**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 130-142, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/26268/14701>>. Acesso em: 28 fev. 2021.